

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

MATHEUS NOGUEIRA VARGAS

**JORNALISMO EM QUADRINHOS:
Características que fazem Alvorada em Quadrinhos uma JQ**

São Leopoldo

2021

MATHEUS NOGUEIRA VARGAS

JORNALISMO EM QUADRINHOS:

Características que fazem Alvorada em Quadrinhos uma JQ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dr. Adriana Amaral

São Leopoldo

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Davi Antonio Vargas e Janete Nogueira, por terem me apoiado ao longo de toda a graduação e por nunca deixarem de me incentivar. Sinto-me honrado por ser filho de vocês, espero que se sintam orgulhosos.

Aos meus irmãos, Paola, Marco Antônio e João Pedro, por terem me ajudado da maneira que lhes fosse possível. Vocês são incríveis!

Aos meus colegas e amigos Babiton Leão, Bianca Castro, Elias Vargas, Lucas Lanzoni e Lucas Rafael. Vocês são pessoas incríveis e espero tê-los sempre por perto.

Adriana Amaral, obrigado por todo o ensinamento compartilhado ao longo desse um ano de trabalho. Você é uma parte importante dessa jornada. Muito obrigado, de verdade.

Por fim, agradeço a toda minha família, que mesmo de longe, contribuiu para minha formação. A todos os citados, meu mais sincero muito obrigado.

RESUMO

O jornalismo em quadrinhos vem avançando e consolidando sua presença seja na mídia impressa, seja na mídia digital. A cada ano, surgem novos autores e a publicação de novas obras nesse fazer jornalístico. Contudo, ainda suscita divergências quanto as suas características, sua seriedade e seu surgimento. Diante disso, esse trabalho busca, através da análise de *Alvorada em quadrinhos*, de Pablo (Pablito) Aguiar, identificar as características presentes na referida obra que a tornam jornalismo em quadrinhos. Para isso, foi construído embasamento teórico – pesquisa bibliográfica e pesquisa documental - por meio do olhar crítico de autores como Silva (2012), Gomes (2009), Sversuti (2017) entre outros, além de entrevista por videochamada realizada com o autor. A obra conta a história de 23 moradores de Alvorada, município localizado na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a qual apresenta um dos maiores índices de violência do Estado e baixos índices de desenvolvimento humano. No entanto, *Alvorada em quadrinhos*, através da sua narrativa, onde os desenhos e as palavras se unem originando uma narrativa única, leve e envolvente - característica maior do jornalismo em quadrinhos - contempla a todos com o resgate da autoestima de uma cidade e seus moradores.

Palavras-chave: Jornalismo; Quadrinhos; Alvorada; Narrativa; Ilustração.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa <i>Alvorada em quadrinhos</i>	39
Figura 2 – Visão de cima da cidade	39
Figura 3 – Visão das ruas da cidade	40
Figura 4 – Expressão de angústia.....	40
Figura 5 – Expressão de tristeza.....	40
Figura 6 – Expressão de esperança, sonho.....	41
Figura 7 – Expressão de orgulho, alegria.....	41
Figura 8 – Expressão de serenidade.....	41
Figura 9 – Autorretrato	42
Figura 10 – Sumário.....	42
Figura 11 – Entrevista	43
Figura 12 – Início da entrevista/chegada na casa do morador.....	44
Figura 13 – Narrador	44
Figura 14 – Final da entrevista	44
Figura 15 – Detalhe pássaros	45
Figura 16 – Detalhe resgate dos cachorros	45
Figura 17 – Detalhe passagem do tempo	45
Figura 18 – Detalhe cadeiras vazias	45
Figura 19 – Indiferença	45
Figura 20 – Descaso com o ambiente.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de tipologia em entrevista	34
--	----

LISTA DE SIGLAS

CIA	Central Intelligence Agency
HQ	História em Quadrinhos
JQ	Jornalismo em Quadrinhos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 NARRATIVA	10
2.1.1 Narrativa literária	10
2.1.2 Narrativa jornalística	14
2.1.3 Narrativa em quadrinhos	16
2.2 JORNALISMO EM QUADRINHOS	19
2.2.1 Conceito e características	20
2.2.2 História – surgimento e evolução	21
2.2.3 Joe Sacco	25
2.2.4 Art Spiegelman	26
2.2.5 Jornalismo em Quadrinhos no Brasil	28
2.2.6 Quadrinhos na <i>web</i>	31
3 METODOLOGIA	33
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	36
4.1 PONTOS A CONSIDERAR	36
4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO	37
4.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA HQ	38
4.4 CONVERSA COM O AUTOR	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A – ENTREVISTA	58

1 INTRODUÇÃO

Apesar do uso de ilustrações em textos ser antiga, a união de quadrinhos e texto para criar um tipo de comunicação é recente. Nesse contexto, surge o jornalismo em quadrinhos, que abraça a narrativa jornalística e o lúdico das histórias em quadrinhos, transformando-as em cenários e personagens reais. Fazendo com que a comunicação seja mais atraente, simples e fácil de compreender.

A interatividade do jornalismo em quadrinhos com o leitor supera a narrativa do jornalismo tradicional. Tem a capacidade de traduzir uma realidade cinza para uma realidade colorida, provocando o leitor a desejar conhecer a história contada, imersa nas palavras e nos quadrinhos. Estas chegam para comunicar o que o texto sozinho já não consegue atingir. É inegável sua capacidade de motivar o leitor a querer se aprofundar na história que conta, graças à união da magia dos quadrinhos com a seriedade do jornalismo.

Mesmo assim, existem divergências na literatura. Sobre o que o caracteriza, o que o diferencia das histórias em quadrinhos. Outro aspecto diz respeito à seriedade, uma vez que as histórias em quadrinhos sempre foram vistas como entretenimento e fantasia.

Jornalismo em quadrinhos e história em quadrinhos. O que os diferencia? Onde começa um e termina o outro? Como reconhecer o jornalismo em quadrinhos?

Estas são questões relevantes a que esse trabalho se propõe a responder, especialmente diante do polêmico universo que existe sobre o que vem a ser jornalismo em quadrinhos.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo geral identificar as características presentes na obra *Alvorada em quadrinhos* que a tornam jornalismo em quadrinhos. Além disso, pretende mostrar como os quadrinhos e o jornalismo se complementam na referida obra originando uma linguagem própria e verificar quais as particularidades na comunicação da obra que a aproximam e a distanciam do jornalismo em quadrinhos.

A fim de responder a essas questões, dividiu-se o estudo em duas partes. A primeira aborda os diferentes tipos de narrativa e as variantes do jornalismo em quadrinhos, a partir da metodologia de revisão de literatura. A segunda mostrará a análise da obra *Alvorada em quadrinhos*, fundamentada na metodologia de análise de conteúdo embasada no referencial teórico, objeto principal deste trabalho e a

entrevista com Pablo Aguiar, autor da referida obra, aplicando questões abertas previamente estruturadas, que serviram de orientação na condução da conversa com o autor.

Isso posto, este estudo se divide em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a narrativa e as características das narrativas literária, jornalística e em quadrinhos. O segundo inicia com a introdução do jornalismo em quadrinhos com suas características, seu surgimento e evolução, a apresentação de dois ícones desse gênero jornalístico, Joe Sacco e Art Spiegelmacn seguido de uma amostragem do jornalismo em quadrinhos no Brasil finalizando com breve histórico dos quadrinhos na *web*. O terceiro capítulo refere-se à metodologia usada. E no quarto capítulo, se procede à descrição, contextualização e análise da obra *Alvorada em quadrinhos* e da entrevista com o autor.

Pretende-se, com isto, contribuir para a diminuição das dúvidas existentes acerca dessa nova maneira de fazer jornalismo, bem como preencher eventuais lacunas que possam ainda existir.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 NARRATIVA

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo. (MOTTA, 2005, p. 2).

Neste capítulo serão enfatizadas duas narrativas específicas: a jornalística e a em quadrinhos. Entretanto, antes é necessário se abordar a narrativa literária de onde se originou nossa narrativa jornalística. Além disso, também é preciso destacar a importância da contribuição da história na transformação da narrativa literária ficcional para narrativa literária realística ou factual.

A narrativa é um texto no qual personagens atuam num determinado espaço e tempo por meio do narrador, responsável por desenvolver o enredo. Integra a comunicação, o universo cultural do ser humano. Sendo assim, as notícias de jornal, as reportagens, os romances, os contos, os poemas, as novelas, as histórias em quadrinhos são exemplos de narrativas.

2.1.1 Narrativa literária

Fantasia, ficção, imaginação, irrealidade, subjetividade são expressões que desde sempre estiveram atreladas ao texto literário assim como a intelectualidade e a erudição, expressões muito distantes do cidadão comum, do povo. Contudo, esta aura foi sendo derrubada ao longo do tempo.

Com a intervenção da História, a narrativa literária deixou de ser puramente fictícia passando a ter sua importância reconhecida como dona da capacidade de dar a conhecer em profundidade o pensamento, sentimento, comportamento e a cultura da sociedade, “os valores sociais e as experiências subjetivas dos agentes no tempo” (GRECCO, 2014, p. 45). Foi no século XX que começaram as pequenas revoluções no pensamento. E a literatura foi provando pouco a pouco sua importância para a fidelidade histórica, ao ser o testemunho de eras, do passado, da cultura humana em determinadas épocas. Através do pensamento, do

comportamento da sociedade através dos relatos em romances ou contos. Ou até mesmo de poemas, onde a narrativa literária mesmo mesclando ficção e realidade serve como documentação histórica e deixa de ser ficção para se tornar fato, realidade.

A teoria literária é, em si mesma, uma perspectiva na qual vemos a história de nossa época. Tal fato não deveria provocar surpresa, pois qualquer teoria relacionada com a significação, valor, linguagem, sentimento e experiência humanos, inevitavelmente envolverá crenças mais amplas e profundas sobre a natureza do ser e da sociedade humanos, interpretações da história passada, versões do presente e esperanças para o futuro" (EAGLETON, 2006, p. 294).

O texto literário apreende a realidade humana em todo o seu significado, o que o faz tão valioso quanto um documento histórico. A narrativa literária, por meio das descrições das personagens, dos diálogos, das ações, possibilita a identificação de dados históricos com a expressividade tão característica da linguagem artística, o que torna esse exemplo de texto um campo privilegiado para a investigação histórica. (GRECCO, 2014).

Mesmo antes do século XX, já não existia a pureza da narrativa ficcional e da narrativa factual, como se verifica nas palavras de Eagleton (2006, p. 2):

No inglês de fins do século XVI e princípios do século XVII, a palavra "novel" foi usada, ao que parece, tanto para os acontecimentos reais quanto para os fictícios, sendo que até mesmo as notícias de jornal dificilmente poderiam ser consideradas fatuais. Os romances e as notícias não eram claramente fatuais, nem claramente fictícios, [...].

A narrativa literária é capaz de registrar uma época, as mudanças sociais ao longo das décadas, a identidade social como a evolução do ser humano através das mudanças culturais e de comportamento. Assim como é capaz de desenvolver a criticidade e o pensamento reflexivo. Ela conecta os elementos que constituem uma história: personagens, tempo, espaço e conflito que integram o enredo.

Toda ficção está sempre enraizada na sociedade uma vez que é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando através de diferentes signos linguísticos. (GRECCO, 2014, p. 46).

Foi também neste século, mais precisamente nos revolucionários anos 60, que a narrativa literária deixou de ser algo erudito, longe das massas. Segundo o

gosto pela narrativa literária e sua compreensão exigiam cérebros evoluídos, cultos demonstrando a força das elites. A cultura e o conhecimento oferecidos pelo texto literário eram mantidos longe do povo. Com a chegada da década 60, esse quadro mudou. O ingresso mais acessível às universidades por estudantes de classes sociais mais baixas tornou possível a difusão do conhecimento proporcionado pela literatura, o que a fez cair no gosto popular. (EAGLETON, 2006).

Os anos 60 também trouxeram um movimento que ampliaria ainda mais a difusão e a importância da narrativa literária: o *new journalism* ou novo jornalismo, originado nos Estados Unidos. Tal movimento encontrou terreno fértil para se desenvolver diante do aprisionamento das redações, que exigiam objetividade, distanciamento do jornalista, padronização da informação e uma narrativa insípida, graças ao *lead*, responsável pelo engessamento do texto jornalístico. O novo jornalismo era a favor do uso da narrativa literária buscando maior liberdade do jornalismo tradicional e provando que era possível usar as técnicas literárias no jornalismo.

Mittelman (2014) destaca nesse movimento, a subjetividade, a humanização na narrativa e uma apuração mais aprofundada. O autor também coloca que o foi o Novo Jornalismo a base para o desenvolvimento do jornalismo literário. Para Silva (2003), o novo jornalismo trouxe uma nova narrativa, mais elaborada, mais humana, mais rica.

O autor destaca a reportagem Hiroshima do repórter John Hersey, publicada no *The New Yorker*, em 1946 e que foi considerada a maior reportagem do século XX. Ela reconstituía o dia em que foi lançada a bomba atômica pelos Estados Unidos no Japão no fim da Segunda Guerra Mundial. A referida reportagem narrou o dia anterior e o dia da explosão nuclear através de seis sobreviventes. Hersey conseguiu unir “o rigor da apuração e da qualidade de um texto de ficção, o repórter produziu uma obra-prima, rotulada de jornalismo literário”.

Silva (2003) ressalta o resgate de formas literárias de expressão, como sensibilidade, envolvimento, observação e humanização há muitos anos abandonadas do jornalismo. Já Eagleton (2006) a narratividade densa e humana, quase poética ao lidar e narrar emoções humanas diante dos fatos do cotidiano, “as mais belas características da teoria literária”.

Motta (2005) em sua obra *Análise pragmática da narrativa*, classifica a narrativa como fática (notícias e reportagens) e fictícia (obras literárias, filmes,

histórias em quadrinhos). No entanto, a narrativa literária e a narrativa jornalística não são entidades separadas como se tem visto ao longo desse estudo. Na verdade, há uma confluência, como corrobora Silva (2011), quando argumenta que a narrativa inclui tanto o viver literário quanto o viver jornalístico, onde o objetivo e o subjetivo se entrelaçam na disseminação de informações e na mudança de comportamentos que a narrativa contempla. Isso porque o texto literário e sua narrativa tem a capacidade de apreender a realidade humana nos seus mais variados contextos.

Para Goulart (2003), contar histórias é uma das mais belas ocupações humanas. E ambos, literatura e jornalismo, contam histórias através de suas narrativas. Na narrativa cabe ao narrador a função de contar a história, seja como um dos personagens, seja como alheio a ele. Em qualquer um desses, o narrador é o responsável direto pela direção e influência sobre a imaginação do leitor. Motta (2005), afirma que as narrativas midiáticas têm o propósito de criar efeitos de realidade e emocionais no leitor para envolvê-lo e torná-lo fiel. “Quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua.” (MOTTA, 2005, p. 3).

Lemos o bilhete escrito por um amigo, sem prestarmos muita atenção à sua estrutura narrativa; mas, se uma história se interrompe e recomeça, passa constantemente de um nível narrativo para outro, e retarda o clímax para nos manter em suspense, adquirimos então a consciência de como ela é construída, ao mesmo tempo em que nosso interesse por ela pode se intensificar. A história, como diriam os formalistas, usa artifícios que funcionam como "entraves" ou "retardamentos" para nos manter atentos; e na linguagem literária esses artifícios revelam-se claramente. (MOTTA, 2005, p. 6).

Através da escolha das palavras, da seleção de conceitos, da escolha do enredo e da sequência pré-escolhida das ações praticadas pelos personagens são criadas as estratégias discursivas que vão atrair o leitor e prender sua atenção. Não é necessária uma análise mais profunda para reconhecer a mesma metodologia utilizada tanto pela narrativa literária quanto pela narrativa jornalística, quanto pela narrativa em quadrinhos, comprovando sua confluência.

As características próprias da narrativa jornalística e da narrativa em quadrinhos serão abordadas nos subtítulos seguintes, a fim de melhor compreender o jornalismo em quadrinhos, tema central deste estudo.

2.1.2 Narrativa jornalística

O Jornalismo trabalha com o que chama a atenção, sejam questões políticas ou sociais, sempre tendo como plano de fundo, pautas que despertem o interesse humano. A narrativa, de acordo com Silva e Guimarães (2003), é caracterizada pela exatidão, brevidade, clareza, simplicidade e concisão.

O conflito sempre está presente. Da dicotomia existente nos fatos, se constrói a sua narrativa, tendo por objetivo evocar emoção no leitor ou telespectador. Segundo Motta (2005), a narrativa jornalística se origina sempre de um conflito, de uma desordem, se mantendo viva pela expectativa do final da história. A linguagem do Jornalismo é dramática, argumentativa com o propósito de causar efeito emocional.

O conflito é o núcleo em torno do qual gravita tudo o mais na narrativa. São os conflitos que abrem o espaço para as novas ações, sequências e episódios, que prolongam e mantêm a narrativa viva. É a expectativa em torno do desenlace das histórias que mantêm as notícias nos jornais ou telejornais. (MOTTA, 2005, p. 5).

Mesmo ao conferir sentido a um acontecimento, a narrativa jornalística nada tem de ficção. Sua função é pragmática, ou seja, narra fatos coletados de forma empírica com personagens reais. Traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo em relatos sequenciais. A narração ocorre no tempo presente - o tempo real, que dá a impressão de que o fato está acontecendo naquele momento em que é dada a notícia -, mas coloca alicerces de continuidade no passado e no futuro.

O início da narrativa se dá através de um jargão dramático, um título chamativo, um recurso que chame a atenção do leitor e que cause expectativas. Por ser a notícia fragmento de uma história, a narrativa se desenvolve com a intervenção do narrador que recria a memória dos acontecimentos que levaram àquela notícia. Para isso, faz uso de testemunhos e depoimentos de pessoas envolvidas direta ou indiretamente no fato reconstituindo a história já distante do real. Mesmo tendo se utilizado de pesquisas e depoimentos, a subjetividade se faz presente, na interpretação do narrador. É o que se depreende da observação de Resende (2018).

Qualquer um que estuda linguagem sabe que não há objetividade nem imparcialidade quando se trata de narrar o presente, o passado ou seja lá o que for.(...) Nesse sentido, do ponto de vista do fazer um jornalismo

tradicional, eu não vejo qualquer novidade na mídia assumindo um papel político-social tendencioso; sempre foi assim. (RESENDE, 2018, p. 117).

Já para Grando (2010), a maior característica da narrativa jornalística é a fidelidade junto ao fato que deve ser narrado com a maior exatidão possível. Dessa maneira, explicando que existem realidades e contextos diversos nos quais a história do ser humano se desenrola. E para conferir essa fidelidade ao fato, de acordo com Motta (2005), a narrativa jornalística se vale de recursos que proporcionam a imagem de verdade. Fontes, lugares específicos, datas, estatísticas e números são largamente utilizados para conferir precisão e veracidade à narrativa das notícias. Mas, na verdade, seu uso oportuniza a recriação do fato, a subjetividade do narrador que leva a notícia e ou a história para o rumo que despertará mais emoção ao leitor ou telespectador.

Como se observa, para os autores consultados, inexistente o jornalismo neutro, imparcial, objetivo. A narrativa está vinculada à subjetividade do narrador/jornalista que, mesmo que desejoso de narrar o fato ou a história como realmente aconteceu, termina por agregar teor opinativo. Portanto, a narrativa não se fixa somente na racionalidade e descrição imparcial, mas contribui para a subjetividade e parcialidade ao conferir sentido ao fato, valendo-se dos recursos anteriormente citados no decorrer desse texto.

As pessoas que fazem parte do acontecimento a ser noticiado pelo jornalismo apesar de serem reais, ao se tornarem personagens são as protagonistas retratadas pela visão pessoal do narrador, ganhando um novo perfil.

“Não interessa quem é o político ACM, o que fez ou deixou de fazer na vida real. Interessa como a narrativa jornalística construiu certa imagem de ACM e o que a personagem fez no transcorrer de uma narrativa jornalística”. (MOTTA, 2005, p. 7).

Envolver o leitor ou telespectador e nele gerar emoções é o principal objetivo do jornalismo. Através da dramaticidade das notícias, o leitor se identifica com a narrativa e garante sua adesão àquela narrativa. O leitor ou telespectador busca afinidades entre suas histórias pessoais e as histórias narradas e quando vê atendidas essas suas expectativas pela narrativa jornalística, torna-se fiel ao jornalismo, objetivo alcançado pela narrativa jornalística. Sendo assim, dão por convencionalizado que o jornalismo é o lugar natural da verdade, o lugar do texto claro, isento, preciso, sem implicaturas nem pressuposições. Devido a esse contexto,

Motta (2005) conceitua a narrativa jornalística como sendo jogo de linguagem e lista as características presentes na narrativa que levam o leitor a essa crença e fidelidade.

Recomposição do acontecimento jornalístico: Como as notícias são isoladas e fragmentadas, é necessário reescrever a história por elas contada de forma completa.

Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios: O conflito é a base da narrativa jornalística. É por meio dele que se torna possível a geração de episódios que mantém a narrativa interessante para o leitor.

A construção de personagens jornalísticos: A narrativa jornalística cria uma imagem da pessoa real e a projeta no leitor, tirando dele toda gama de emoções alinhadas com a subjetividade do jornalista.

Estratégias comunicativas: O narrador permanece distante da narrativa, como se não fizesse parte dela. Através da dramaticidade da narrativa, une o real com a emoção, num jogo 'entre as intenções do jornalista e as interpretações do receptor'. (MOTTA, 2005, p. 9).

A relação comunicativa e o "contrato cognitivo" – "É na interpretação imaginativa do leitor que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, contornos morais e éticos". (MOTTA, 2005, p. 13).

Metanarrativas: São o fundo moral da narrativa jornalística.

De tudo o que se viu até aqui, conclui-se que a narrativa jornalística não é isenta, é parcial e atrelada aos interesses midiáticos. Resende (2018) chama a atenção para o fato de que a narrativa jornalística não deveria tão somente transmitir informações, mas deveria encerrar em si mesma o diálogo com o leitor.

2.1.3 Narrativa em quadrinhos

Da mesma forma que a narrativa jornalística também a narrativa em quadrinhos foi inspirada pela literatura principalmente através do romance. Na adaptação dos clássicos, ilustrações foram usadas, em especial na literatura infantil. Esse começo influiria na visão estereotipada da infantilidade, da ausência de seriedade dos quadrinhos.

Os quadrinhos sempre foram vistos como entretenimento e diversão. Para muitos, ainda são vistos assim, o que compromete a seriedade da sua narrativa

quando trata de temas reais e importantes. No entanto, as ilustrações, as imagens são mais atrativas do que a narração puramente textual. O antigo e popular provérbio “uma imagem vale mais do que mil palavras” se faz mais do que verdadeiro na área da comunicação.

As HQ são essencialmente um meio visual composto de imagens. Apesar das palavras ser um componente vital, a maior dependência para descrição e narração está nas imagens. (EISNER, 2005, p.6).

Segundo Wunder e Perez (2017), as ilustrações atraem a atenção do leitor sobre temas reais de uma forma mais interessante e eficaz do que palavras, além de fixar melhor os fatos narrados. Belmiro (2012) esclarece que as imagens são uma das principais fontes de expressão, de contextualização e de indagação, uma vez que é através da união do verbal e do visual, da palavra e da imagem que o enredo se realiza.

Eisner (2005) destaca que a história em quadrinhos - união da palavra com a imagem – preenche o vazio existente entre o cinema e o jornalismo impresso. Isto porque no texto o leitor usa a imaginação para visualizar a imagem e nos quadrinhos, a imagem já existe, o que torna mais fácil a compreensão da narrativa. “A história é o componente crítico de uma revista em quadrinhos”. (EISNER, 2005, p. 6).

Na narrativa em quadrinhos, o quadrinho é a base, o alicerce fundamental. Nele, o momento é condensado, a ação se desenvolve por meio da sequência de vários outros quadros. A união da palavra com a imagem na narrativa em quadrinhos é superior à da fotografia e à do vídeo. Na fotografia, é possível perpetuar o momento, embora seja algo estático. No vídeo, é possível assistir o desenrolar de momentos, mas não pode se parar o movimento. Em contrapartida nos quadrinhos, é possível evidenciar ambos. (MITTELMAN, 2014).

Por os quadrinhos se tratar de imagens impressas sem os recursos de som e movimento usados no cinema, as histórias necessitam de palavras para serem mais facilmente compreendidas pelo leitor. Isso não significa que uma história não possa ser contada somente com imagens. É possível sim, mas a introdução de palavras confere maior teor de informação, complementando a narrativa em quadrinhos e assim, melhorando a comunicação como um todo.

A inserção das palavras na narrativa das histórias em quadrinhos se dá por meio dos balões ou de simples legendas. Os balões são o recurso mais comumente usados para o diálogo entre as personagens, podendo ainda ser usado para mostrar pensamentos e reproduzir sons. (MCCLLOUD, 2008).

A narrativa em quadrinhos, assim como a narrativa jornalística, quer despertar a atenção do leitor e mantê-lo interessado até o final da história. Para isso, as imagens precisam obedecer a uma sequência lógica, da esquerda para a direita, pois é dessa forma que o cérebro foi projetado para ler. Aliado a isso, os desenhos devem ser atraentes, bem enquadrados, desenhados no ângulo certo e despertar as mais variadas emoções no leitor. Assim passando para o leitor uma gama variada de emoções como medo, tensão, alegria, tristeza, raiva, desânimo, prazer etc. “A ideia de que uma figura pode evocar uma resposta emocional ou sensual no espectador é vital nos quadrinhos.” (MCCLLOUD, 2008, p. 121).

Para que a narrativa em quadrinhos atinja seus objetivos existem os elementos primordiais que a constituem, conforme Silva e Guimarães (2003), McCloud, 2008 e Eisner, 2005 e Silva (2011) compilados a seguir:

Balão: representa as falas, os pensamentos dos personagens e ruídos. O corpo contém a linguagem escrita, enquanto o apêndice é o indicador de quem está falando no momento. É o recurso mais comumente usados para o diálogo entre as personagens. (MCCLLOUD, 2008).

Legendas: representa o narrador onisciente e, em alguns casos, o narrador-personagem. Geralmente é usado para *flashbacks* e apoio à narrativa.

Letreiramento: o termo nada mais é do que o tipo de letra usado para representar as falas, trazendo diferentes valores expressivos.

Onomatopéia: representam os sons e ruídos de forma visual que são representadas por letras, como os populares “zzzz”, por exemplo, tendo o significado de estar dormindo, ou como o “bam”, representando um tiro.

Requadro: são as molduras dos quadrinhos, que englobam cenários, personagens, espaço e tempo dentro de um conjunto de linhas, que trazem os formatos necessários para aumentar a expressividade das cenas, a depender da intenção do autor e espaço disponibilizado para publicação.

Personagens: conforme o traço é possível representar qualquer emoção, assim como idade e demais características profissionais, sem ser necessário palavras.

Os quadrinhos também se utilizam de estereótipos (EISNER, 2005) ou códigos padrão, conjunto de características conhecidas do leitor e, portanto, aceitas por ele. As imagens assim desenhadas levam o leitor a apreender mais rapidamente a ideia que o narrador deseja transmitir. Posturas, expressões faciais, expressão corporal, vestimentas e objetos usados nas personagens fazem uso desses códigos.

O autor cita como exemplo o desenho de uma personagem vestindo jaleco e usando estetoscópio. Ela será imediatamente percebida como médica. Ou um homem alto, forte e musculoso será compreendido como atleta ou herói. Ambos são estereótipos que integram a narrativa em quadrinhos e amplamente reconhecidos e aceitos. (MCCLLOUD, 2008).

Da mesma maneira que se escolhem as palavras para compor a melhor forma de narrar uma notícia no jornalismo impresso, a escolha das imagens e de seu enquadramento também é feita com o mesmo objetivo nas histórias em quadrinhos. E assim, poder contar uma história que envolva completamente o leitor.

Pode-se observar que a narrativa jornalística e a narrativa em quadrinhos apresentam pontos em comum, o que torna sua confluência numa única narrativa perfeitamente viável e de fácil compreensão, como é a narrativa texto-imagem do jornalismo em quadrinhos, a qual será vista no próximo capítulo.

2.2 JORNALISMO EM QUADRINHOS

O jornalismo sempre foi sinônimo de seriedade, objetividade e imparcialidade, enquanto as histórias em quadrinhos sempre foram vistas como entretenimento e diversão. E para muitos ainda são vistas assim, o que compromete a seriedade do jornalismo que utiliza os quadrinhos como base para narrar um fato. Contudo, este cenário vem mudando gradativamente graças ao aumento do número de obras conceituadas e reconhecidas como JQ.

Mas, o que diferencia o jornalismo em quadrinhos da história em quadrinhos? Onde começa um e termina o outro?

Segundo Silva (2012), apesar do uso de ilustrações em textos ser antiga, a união de quadrinhos e texto para criar a informação jornalística é recente. É dentro desse contexto que surge o jornalismo em quadrinhos, unindo a narrativa jornalística com o lúdico das histórias em quadrinhos, tornando a comunicação mais atraente, simples e fácil de compreender.

Neste primeiro capítulo serão abordados o conceito e as características próprias dessa nova forma de fazer jornalismo que o diferenciam do jornalismo tradicional e das histórias em quadrinhos. E como não poderia deixar de ser, também serão vistos os maiores expoentes mundiais do jornalismo em quadrinhos: Art Spiegelman, autor de *Maus: a história de um sobrevivente* e Joe Sacco, autor de *Palestina, uma nação ocupada*.

2.2.1 Conceito e características

Da união dos quadrinhos com o jornalismo nasce o jornalismo em quadrinhos, cuja maior característica é uma linguagem própria. São duas linguagens diferentes (texto e imagens), que se unem para criarem uma, sem perder suas características próprias. Para Gomes (2009), trata-se da conexão entre a narrativa objetiva do jornalismo com a fluidez dos quadrinhos. Entendimento reforçado por Silva (2012), que vê o jornalismo em quadrinhos como a união de duas linguagens, a jornalística e a quadrinística, tendo como base de sustentação os processos de investigação jornalística, as narrativas e a técnica dos quadrinhos para a apresentação de informações.

Na mesma linha de raciocínio, Silva e Guimarães (2003), trazem a forte convergência das linhas mestras do jornalismo e da história em quadrinhos como sendo um traço mais forte e característico do jornalismo em quadrinhos.

De acordo com Guimarães e Silva (2003, p. 100),

[...] como um gênero que une as linguagens do jornalismo e dos quadrinhos utilizando ambientação histórica necessária para o entendimento das reportagens, caracterização de personagens reais de acordo com a sua verossimilhança de comportamento e referência imagética, além da liberdade para trabalhar a narrativa usando de recursos dos textos encontrados no *new journalism*, sem se prender essencialmente a uma visão autobiográfica. Independente de usar histórias em quadrinhos como suporte, esse novo gênero mantém as mesmas responsabilidades encontradas no jornalismo produzido para qualquer outro veículo de comunicação, ou seja, informar, opinar, interpretar e entreter.

Os recursos dos quadrinhos como os balões de fala e pensamentos, os cenários e os personagens, retratam a realidade dos fatos com a riqueza de detalhes tanto nos diálogos, quanto no cenário, mesmo sob a ótica subjetiva do contador da história. Viveiros e Gallas (2009, p. 11 – 12) complementam ressaltando que essa mesma riqueza de detalhes extraídos dos quadrinhos é diretamente

responsável pela “maior aproximação do espectador da notícia para uma representação muito mais próxima do real do que é mostrado em outros meios de comunicação”.

Segundo Wunder e Perez (2017), a união do texto jornalístico com os quadrinhos nessa modalidade de jornalismo não se afasta do princípio maior do jornalismo tradicional, o saber, o compromisso com a verdade. No entanto, cabe ressaltar que não existe jornalismo imparcial, uma vez que está sempre inserido em determinado ponto de vista, um modo de ver a situação real.

Scheibe (2011) destaca a liberdade textual graças à inserção do jornalista na reportagem o que permite a sua interação com os acontecimentos e com as personagens.

Para Wolfe (1976 apud Sversuti, 2018), um dos fundadores do Novo Jornalismo (também chamado de jornalismo literário, originou-se nos Estados Unidos nas décadas de 60 e 70, através de movimentos que pregavam a subjetividade), o jornalismo em quadrinhos oferece ao leitor “uma experiência subjetiva e emocional dos fatos narrados”. (WOLFE, 1976 apud SVERSUTI, 2018, p. 32).

2.2.2 História – surgimento e evolução

Ainda hoje existem divergências na literatura sobre quando se deu o surgimento do jornalismo em quadrinhos, principalmente porque conceituar essa modalidade de jornalismo continua causando debates. A comunicação exige o envio e o recebimento de informações, e conseqüentemente o jornalismo e os quadrinhos também. No entender de Eisner (1999 apud Sversuti, 2018) os quadrinhos estão atrelados à necessidade humana de se comunicar usando imagens combinadas de texto para retratar a sociedade, e narrativas sobre suas histórias por meio da arte sequencial.

De acordo com Sversuti (2017), não há nada de recente o fato de as histórias em quadrinhos narrarem acontecimentos reais e importantes, ao contrário, remonta há séculos.

Até o que podemos considerar como o início das histórias em quadrinhos – tais como Via Sacra contada na forma de ilustrações em esquema sequencial nos vitrais de igrejas ou papiros egípcios narrando grandes

efeitos dos faraós – foram maneiras diferentes de cada época em reportar fatos importantes da história através do desenho sequencial. (SVERSUTI, 2018).

Carvalho e Martins (1991 apud Sversuti, 2017), chamam a atenção para os panfletos que circulavam na Europa no século 16 com histórias de crimes, notícias políticas e outros assuntos na sociedade da época por meio de frases e desenhos. Era um método eficiente de comunicação, pois atingia muitas pessoas tendo originado o jornal impresso.

No entender de Silva (2017), as histórias em quadrinhos estão intimamente atreladas ao jornalismo, desde sua origem. Para o autor, a charge e o cartum, “tipos de obras que propiciam certa união entre os dois campos de interação entre as palavras e desenhos” já se faziam presentes no século 18, e continuam hoje nos veículos jornalísticos.

Esse mesmo entendimento é reforçado por Srbek (2005, apud Oliveira e Passos 2006) ao afirmar que as charges se desenvolveram nos jornais ao longo dos séculos tendo evoluído hoje para o jornalismo opinativo, onde retratam os acontecimentos do dia a dia, em cadernos, artigos e editoriais.

Não deveria haver estranheza ao se falar em jornalismo em quadrinhos. Afinal, as histórias em quadrinhos nasceram nos jornais e até hoje permanecem neles, na forma de tiras cômicas (em geral publicadas nos cadernos de cultura) e charges (localizadas nas páginas de opinião, a seção nobre das publicações impressas”. (SRBEK, 2005, apud OLIVEIRA; PASSOS, 2006).

Diante do exposto, se torna de fácil compreensão e visibilidade a falta de consenso sobre quando surgiu o jornalismo em quadrinhos. Ainda carece de um embasamento maior na conceituação do que venha a ser essa modalidade de jornalismo. Se entendermos as charges, os cartuns e as tiras - inseridas no jornalismo como palavras e imagens, retratando a realidade com personagens reais – como fazendo parte do jornalismo em quadrinhos ou mesmo sendo precursores desse gênero, a abrangência do conceito de jornalismo em quadrinhos é quase infinita e seu surgimento remonta há séculos.

As charges e as tiras, mesmo retratando a realidade e usando personagens reais, estão longe de serem percussoras do jornalismo em quadrinhos, uma vez que não alcançam as três características fundamentais inerentes ao jornalismo em

quadrinhos: ambientação ou referência histórica, o uso de personagens reais e narrativa baseada no estilo do novo jornalismo, como citado anteriormente.

Silva e Baldo (2003) esclarecem essa questão de forma definitiva. Até por conta do espaço reduzido e o esquema fundamentado de *gags*, ou seja, de piadas rápidas, a tira no jornal não alcança o aprofundamento necessário e a contextualização ideal para servir de crítica nos moldes do jornalismo em quadrinhos. Serve até como um meio de denúncia, mesmo por trás da comum fachada de ficção e cartunização do gênero das tiras, mas não conseguirá ir além sem uma reestruturação de espaço e formatação nos jornais (o principal meio de vinculação das tirinhas). Por construir um conteúdo excessivamente opinativo a ser desenvolvida apenas em uma imagem, a charge não representa a intersecção entre a linguagem das reportagens com suporte nas narrativas de quadrinhos. Assim, são as características essencialmente bem definidas entre o entretenimento e a opinião que se excluem as tirinhas e as charges do espectro do jornalismo em quadrinhos (SILVA; BALDO, 2003, p. 95 – 98).

Sendo assim, apesar da relação dos quadrinhos com o jornalismo ser antiga, o uso dos quadrinhos na narrativa do jornalismo é relativamente recente. Segundo Sversuti, (2018), mesmo:

“o jornalismo em quadrinhos já existir por meio das histórias sequenciais, a inserção das histórias em quadrinhos dentro do jornalismo, adotou na contemporaneidade um formato para retratar as reportagens que são classificadas como um modo de se fazer jornalismo em quadrinhos”.

Dentro desse contexto, na década de 90, mais precisamente no ano de 1996, surge o jornalismo em quadrinhos com Joe Sacco e sua obra *Palestina, uma nação ocupada*, que narra a realidade de um povo que vive em zona de guerra. Sacco caracteriza, então, esse gênero de jornalismo por meio da reportagem em quadrinhos. Com *Palestina, uma nação ocupada* foi agraciado com um *American Book Award* e em 2001, um *Eisner Award* por Área de Segurança Gorazde.

No entanto, foi a obra *Maus: história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman, de 1986, que “oficializou” o surgimento do JQ, após ter sido agraciada, em 1992, com o Prêmio Pulitzer de Jornalismo, mundialmente reconhecido como o mais importante da categoria (prêmio criado em 1917, nos Estados Unidos, outorgado àqueles que realizam trabalhos de excelência na área do jornalismo e literatura. Vale ressaltar que o referido prêmio nunca havia sido dado antes a uma história em

quadrinhos). Em *Maus*, uma entrevista no formato de história em quadrinhos com mais de 300 páginas o autor traz o lúdico dos quadrinhos para narrar a história de um sobrevivente aos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, Wunder e Perez (2017) e Oliveira (2015), apontam outros autores anteriores a Joe Sacco que já trabalhavam com jornalismo em quadrinhos.

O ilustrador francês Constantin Guys, por exemplo, tem uma série de desenhos publicados em jornais ilustrados europeus, em que relata, apenas por imagens, cenas das campanhas francesa e inglesa na guerra da Crimeia (1853-1856). Temos, assim, uma reportagem através de imagens sequenciais. (OLIVEIRA, 2015, p. 48).

Dutra (2003, apud Sversuti, 2018) cita as fotorreportagens, com destaque entre os anos de 1940 e 1960, como uma forma de se trabalhar o jornalismo em quadrinhos, já que para Dutra, a palavra quadrinhos não limita suas imagens a desenhos. Nesse trabalho, conforme o autor, na produção e seleção do material fotográfico havia “a preocupação conceitual e sequencial como uma reportagem em quadrinhos”. O exemplo clássico seria o trabalho de fotorreportagem sobre a organização Médicos Sem Fronteiras realizado em 1986, no Afeganistão pelo fotógrafo francês Didier Lefèvre, que resultou numa reportagem em quadrinhos publicada no Brasil em três volumes.

O autor destaca a obra *Brought to Light* de Joyce Brabner como uma das primeiras reportagens em quadrinhos no padrão das obras de Joe Sacco. Lançada em 1989, abordava operações da CIA na América Latina. Foi reconhecida como *graphic docudrama* já que ainda não existia a expressão jornalismo em quadrinhos. (DUTRA, 2003, apud SVERSUTI, 2017).

No Brasil, também existiram trabalhos de jornalismo em quadrinhos anteriores à obra de Joe Sacco. Júnior (2016 apud Sversuti, 2018) explica que a primeira produção jornalística em quadrinhos reconhecida, aconteceu em 30 de janeiro de 1869 pelo artista italiano Angelo Agostini. A obra intitulada *As Aventuras de Nhô Quim* ou *Impressões de uma Viagem à Corte* retrata a sociedade através da mudança de um caipira para a cidade do Rio de Janeiro. O autor ressalta que a obra foi tão importante que “a data de sua publicação foi reconhecida como o Dia do Quadrinho Nacional aqui no Brasil”.

É visível que não existe um consenso sobre a obra que deu início ao jornalismo em quadrinhos. A origem dos quadrinhos no jornalismo ainda é motivo de

debates. Mesmo que a relação entre ambos seja antiga, usar os quadrinhos para o suporte da narrativa jornalística vem sendo testado há pouco tempo, pela maneira como se conhece atualmente o jornalismo em quadrinhos. Dentro desse contexto, ainda com divergências, o nome de Joe Sacco vem à tona, como o pai do jornalismo em quadrinhos, com sua obra *Palestina, uma nação ocupada*. À parte os debates, num aspecto, todos os autores consultados concordam: foi ele quem criou a expressão jornalismo em quadrinhos. Sendo assim, seu perfil e suas obras serão vistas com mais profundidade no próximo subcapítulo. Também deter-se-á um pouco mais ao trabalho de Art Spiegelman e sua obra revolucionária, pela originalidade e ousadia, vencedora do prêmio Pulitzer, *Maus: a história de um sobrevivente*.

2.2.3 Joe Sacco

Nascido em Malta, Joe Sacco ainda criança se mudou junto com sua família para os Estados Unidos, onde se formou em jornalismo. Seu interesse residia nas histórias em quadrinhos, já que achava entediante o jornalismo tradicional (DUTRA 2003 apud OLIVEIRA, 2015), Depois de formado, voltou a Malta onde deu início a sua carreira de quadrinista. Em 1986, Sacco voltou aos Estados Unidos e começou a trabalhar como jornalista no *The Comics Journal*, revista especializada em críticas de quadrinhos da editora *Fantagraphics*, onde acabou se tornando editor. (WUNDER; PEREZ, 2017).

Para Silva e Baldo (2003), Joe Sacco consolida o jornalismo em quadrinhos com as marcas fortes que usa na convergência das linguagens jornalística e quadrinística. Viveiros e Gallas (2009) têm a mesma percepção e destacam o realismo de *Palestina, uma nação ocupada* obtida pela dramaticidade dos desenhos de Sacco, que faz uso de fotografias para produzir “as ilustrações caricaturais, com um estilo que se aproxima do das charges de jornal”. (VIVEIROS; GALLAS, 2009, p.1).

Viveiros e Gallas (2009) ressaltam ainda sua presença *in loco* nos conflitos de sua história.

As suas reportagens são construídas através das histórias de pessoas comuns que estão vivenciando aquele momento. Sacco convive, estuda, viaja e colhe depoimentos profundos das pessoas, “ao invés somente de

reportar o que ‘aparentemente’ está acontecendo naqueles locais, como faz um repórter de TV”. (VIVEIROS; GALLAS, 2009, p. 3).

No jornalismo em quadrinhos imagem e texto assumem maior importância inclusive tendo a imagem, às vezes, como mais relevante. As legendas são complementos à narrativa, uma vez que nesse gênero de jornalismo, conforme Sversuti (2017), a prioridade reside “na sensibilidade da estética humanizada na transmissão do conteúdo, como forma de aproximar e transportar os leitores para tal abstração da realidade”.

O sucesso de Sacco conquistou uma legião de seguidores alavancando o jornalismo em quadrinhos no Brasil e no mundo. Silva (2017) enfatiza o reconhecimento conquistado a cada dia por esse gênero de jornalismo.

A internet tem sido de grande relevância nessa proliferação, com sites como Cartoon Movement e The Nib publicando diversos trabalhos de jornalismo em quadrinhos, e o campo tem se estabelecido de maneira robusta, recebendo reconhecimento em matérias publicadas por diversos veículos da imprensa tradicional, como o inglês Guardian, a árabe Al Jazeera, e a Folha de São Paulo. (SILVA, 2005).

2.2.4 Art Spiegelman

Spiegelman nasceu em Estocolmo, Suécia, e se destacou, nos Estados Unidos, no movimento *underground* dos quadrinhos nas décadas de 60 e 70. Trabalhou durante a década de 90 na produção de charges, ilustrações e capas para revista nova-iorquina The New Yorker. Destacou-se no movimento *underground* dos quadrinhos nas décadas de 60 e 70. Fundou, mais tarde, duas publicações antológicas de quadrinhos, a Arcade e Raw. Em 2005, a revista Time o elegeu uma das 100 pessoas mais influentes do mundo.

Segundo Oliveira e Passos (2006), embora Palestina uma nação ocupada de Joe Sacco tenha sido a primeira publicação a se proclamar jornalismo em quadrinhos, *Maus: história de um sobrevivente* de Art Spiegelman foi sua precursora. Ganhadora do Pulitzer, em 1992, a obra consiste numa entrevista no formato de histórias em quadrinhos, realizada por Art Spiegelman com seu pai, Vladek, que lhe conta as angústias e os horrores vividos por ele em Auschwitz, durante a segunda guerra mundial. Paralelamente, Spiegelman narra a história de sua própria entrevista com seu pai.

A originalidade e mesmo ousadia de Spiegelman reside no antropomorfismo, o que lhe rendeu além dos prêmios, polêmica e problemas. O autor se vale da alegoria das máscaras de animais para retratar as personagens de sua obra, onde judeus são ratos, nazistas são gatos, poloneses são porcos e norte-americanos são cães. Esse antropomorfismo reflete o dia a dia daquela época. Segundo Martoni (2017), Spiegelman faz uso de máscaras em suas personagens porque são removíveis, fazendo o leitor descobrir e compreender que por debaixo delas, existem seres humanos.

Outro detalhe que Martoni (2017) ressalta é a utilização de fotografias resumidas a sua família, seu pai, sua mãe e o irmão, que vem reforçar o significado das máscaras e tornar ainda mais real e vívida a história e as personagens, em especial o entrevistado, Vladek, protagonista de *Maus*.

Ao colocar lado a lado alegoria e fotografia de pessoas, Spiegelman estabelece questionar e legitimar essa representação. Atribui-se ao texto uma carga inegável de realidade, estabelecendo uma aproximação da narrativa com o referente que levou a sua construção. Ao contrário do que se poderia pensar, não ocorre um enfraquecimento da alegoria utilizada, mas um reforço de seu significado. Isso é estabelecido pela profunda relação que a fotografia possui com seu referente. Segundo Roland Barthes, a fotografia, nesse caso um retrato, é capaz de legitimar um acontecimento. A presença dessas fotos possui um valor documental, algo que ao enquadrar um momento, torna-se um atestado de uma verdade histórica. (MARTONI, 2017)

Para Forlani (2019), o resultado que Art Spiegelman obtém com *Maus: história de um sobrevivente* é uma verdadeira aula de como usar os quadrinhos – mídia comumente relacionada com ficção e infantilidade - para contar uma história real e com alta carga emocional. Nas palavras de Forlani (2019), “uma das maiores atrocidades da história recente da humanidade: o Holocausto.

De tudo o que foi visto e analisado anteriormente, averigua-se que o jornalismo em quadrinhos é uma nova forma de expressão da comunicação. O texto aliado aos quadrinhos cria uma linguagem própria sem, contudo, perder as características individuais de cada narrativa. O *lead* e a precisão dos dados, a humanização do relato, a inserção do autor-repórter, a beleza dos quadrinhos e sua acessibilidade, tudo está presente no jornalismo em quadrinhos.

Pela simbiose obtida da união do texto com os quadrinhos, surgiu um jornalismo mais fácil de ser assimilado e compreendido pelo leitor. O que o texto não

consegue explicar, a imagem o faz com riqueza de detalhes, indo aonde as palavras jamais chegariam.

Por todas essas características, o jornalismo em quadrinhos vem, a cada ano, ganhando mais espaço e se consolidando como novo gênero jornalístico. Grandes jornais assim como sites especializados no mundo inteiro estão veiculando reportagens nesse novo formato, como forma de diversificar e fazer frente às novas modalidades de jornalismo, como procurar por novos leitores através do seu formato mais atraente e envolvente do que o jornalismo tradicional.

No mundo inteiro, surgem plataformas que inserem o jornalismo em quadrinhos. Jornais, revistas, sites todos abraçam essa nova modalidade de comunicação. Assim também ocorre no Brasil, mesmo num caminhar mais lento, como será analisado no próximo capítulo.

2.2.5 Jornalismo em Quadrinhos no Brasil

O Jornalismo em quadrinhos no Brasil nasce com divergências. Para muitos o desenhista italiano radicado no Brasil, Angelo Agostin, foi seu precursor com suas reportagens em quadrinhos na revista *O Cabrião*, no século XIX. Suas reportagens ilustradas tinham cunho social – contra a escravidão - e eram formadoras da opinião pública. Através do uso de quadrinhos em sequência, legendas e diálogos, ele retratou a sociedade carioca na década de 1860-1869 com sua personagem caipira, sob o título de *Nhô Quim – Impressões de uma viagem à corte*. Segundo Wunder e Perez (2017), Sversuti (2017), Mittelman (2014) Agostini iniciou as reportagens em quadrinhos no Brasil, através de “uma das primeiras histórias sequenciais com viés jornalístico”. (MEDEIROS; GOMES, 2012).

Para Santana e Bari (2020), a maior evidência da união dos quadrinhos com o jornalismo é a reconstituição de eventos. Sendo assim, a linguagem híbrida de texto e imagem presente na reconstituição de um crime é, para os autores, fator decisivo para o surgimento do jornalismo em quadrinhos. Dentro desse contexto, consideram Horácio Horta, artista plástico e colunista, e sua obra intitulada *Crime da mala*, publicada em 1873, o pioneiro do jornalismo em quadrinhos no Brasil. A referida obra consistiu em uma história em quadrinhos dividida em 12 partes tendo cada quadro uma narrativa. Uma das mais claras evidências da presença de procedimentos quadrinísticos no pensamento gráfico do jornal é a reconstituição de

acontecimentos. Típico das seções policiais dos jornais essas reconstituições utilizam a técnica quadrinística dentro de uma reportagem tradicional, seja porque as cenas não foram fotografadas, seja para mostrar melhor o desenvolvimento de um acontecimento. As reconstituições sequenciais narram graficamente o fato. São já, portanto, um embrião do jornalismo em quadrinhos. (DUTRA, 2003, p.15).

Nas décadas de 70 a 90 o Brasil viu o aumento de reportagens em quadrinhos, como descreve Mittelman (2014), *A Guerra do Reino Divino e Hans Staden – Um Aventureiro no Novo Mundo* ambas de Jô Oliveira, *Adeus, Chamigo Brasileiro: Uma História da Guerra do Paraguai* de André Toral. Wunder e Perez (2017) destacam o trabalho de Robson Vilalba com suas *Notas de um tempo silenciado*, que aborda a repressão militar na época da ditadura, considerado o primeiro livro de jornalismo em quadrinhos brasileiro, que arrebatou o prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo e Direitos Humanos de 2014.

Mais recentes são as incursões de reportagens em quadrinhos em jornais diários voltadas principalmente para temas políticos, de conflito e causas sociais. Paim (2011) ressalta o jornal *A Tarde*, que publicou a reportagem em quadrinhos de 30 páginas sobre a história do movimento estudantil na Bahia, a abordagem do tráfico e do consumo de crack em uma favela de Porto Alegre, foram abordados numa reportagem em quadrinhos no jornal *Correio Braziliense*, a cobertura de um festival de quadrinhos na França, veiculado sob a forma de quadrinhos, a revista *Caros Amigos* que publicou reportagem em quadrinhos sobre a Bolívia.

Mittelman (2014) cita também *Os Brasileiros* coletânea de sete histórias sobre os indígenas durante a história do Brasil, *O Fim: O Dia Em Que a Bandidagem do Rio Perdeu a Fama de Valente*, reportagem publicada num caderno de 16 páginas pelo *Jornal*. Várias outras publicações independentes abriram espaço para o jornalismo em quadrinhos, mas é com a *Revista Fórum*, *Agência Pública* e o site *Cartoon Movement*, que essa prática se faz mais intensamente presente, mostrando toda sua força e potencial de mercado.

Medeiros e Gomes (2012) chamam a atenção para a série *Linguagens e discursos das mídias Jornalismo em Quadrinhos*, com temas sociais fortes, por considerarem a primeira iniciativa de jornalismo em quadrinhos em revista no Brasil. Esta série aborda as remoções de famílias devido à realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014 e em outra reportagem, a *Cracolândia*, Wunder e Perez (2017) ressaltam as reportagens no gênero jornalismo em quadrinhos, *Meninas em Jogo*,

de Alexandre De Maio, sobre exploração sexual infantil, vencedora do Prêmio Tim Lopes de jornalismo investigativo, em 2013; e *Notas de um tempo silenciado* de Robson Vilalba, que ganhou o prêmio jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, em 2014.

Veículo midiático investigativo alternativo, a Agência Pública assume importante valor social, uma vez que faz uso do jornalismo em quadrinhos para denúncias, como através da reportagem já citada anteriormente, *Meninas em Jogo*. (SVERSUTI, 2017).

O jornalismo em quadrinhos também se faz presente em sites, como é o caso do Cartoon Movement, site holandês, que publica autores de diversos países, abordando temas internacionais mais voltados para causas político-sociais, como exemplifica Mittelman (2014) e Medeiros e Gomes (2012), com a reportagem em quadrinhos de Augusto Paim, *Inside The Favelas*, que retrata a ação policial nas comunidades quando da Copa do Mundo e Olimpíadas. Outra reportagem que merece ser ressaltada é *So Close, Faraway!* de Augusto Paim, que narra a história de um morador de rua de Porto Alegre.

Paim (2011) ressalta que não é só de conflitos políticos ou denúncias sociais que vive o jornalismo em quadrinhos no Brasil e cita como exemplos a cobertura pela Folha de São Paulo do festival de quadrinhos de Angoulême realizado na França em 2010. Nos esportes, o jornalismo em quadrinhos também se faz presente como na reportagem em quadrinhos sobre a conquista do tricampeonato mundial de vôlei pela Seleção Brasileira masculina, na Itália publicada pelo portal Globo.com. Outra reportagem em quadrinhos nessa área foi sobre o Esporte Clube Juventude, de Caxias do Sul, RS, publicada na revista Continuum, revista de cultura e arte do Itaú Cultural.

Segundo Medeiros e Gomes (2012), por meio destas entrevistas e reportagens publicadas em jornais diários e revistas, o jornalismo em quadrinhos dá seus primeiros passos firmes para se consolidar como gênero jornalístico. Mittelman (2014) ressalta a maior flexibilidade do momento e mesmo do mercado jornalístico – no mundo e no Brasil - que permite e mesmo busca por novas formas de se fazer jornalismo, onde o jornalismo em quadrinhos se insere cada vez mais como mídia eficiente e atraente.

2.2.6 Quadrinhos na *web*

A inserção dos quadrinhos na internet teve início, segundo Franco (2011), nos anos 90, com o pioneirismo do site Art Comics Syndicate cujo objetivo era veicular tiras semanais retiradas de jornais impressos. Outro pioneiro foi o quadrinista Don Simpson, criador do site que divulgava as histórias em quadrinhos de Megaton Man, personagem que satirizava super-heróis. Tem-se também o trabalho de Charley Parker, criador de Argon Zark, o primeiro *comic book* virtual a utilizar de forma sistemática os recursos de multimídia e hipertexto oferecidos pela web. Scott MacCloud também integra esse pioneirismo através do site Impulse Freak, cujo objetivo era o trabalho de artistas das mais diversas áreas, cuja história em quadrinhos era feita de forma coletiva por diversos artistas e aberta a participação de qualquer internauta que desejasse submeter sua colaboração aos idealizadores do site, a grande inovação do projeto e que o leitor, ao navegar pelas páginas, tem a cada nova tela duas opções para continuar a HQ e ainda duas opções para voltar antes interagindo com a narrativa hipertextual da história em quadrinhos.

Posteriormente, com a popularização dos computadores, seja nas editoras ou nas residências, novos *softwares* de tratamento e manipulação de imagens foram desenvolvidos, o que contribuiu para facilitar o trabalho de quadrinistas e editoras. Com os avanços tecnológicos, os quadrinhos também migraram para sites, blogs e redes sociais, criando oportunidades de divulgação e mesmo a comercialização dos trabalhos de profissionais até então desconhecidos da área. Além disso, outra vantagem que a internet propicia é a comunicação imediata com qualquer parte do mundo, fazendo com que haja um intercâmbio entre os profissionais das histórias em quadrinhos, sejam eles independentes ou grandes empresas editoriais.

Em relação à apresentação visual das histórias em quadrinhos na web, as técnicas narrativas abrangem texto, som e movimento cuja hibridização origina uma nova linguagem, que leva à interatividade. Nesse ambiente, a interatividade permite que o leitor escolha a cada cena, a cada quadro o destino da personagem. “Na Internet, sites mesclam fotos e vídeos, sons e textos e aperfeiçoam elementos gráficos usados na mídia impressa, transformando-os em estratégias de hipermídia.” (LIMA, 2011).

No Brasil, Franco (2011), destaca o site CyberComix traz histórias em quadrinhos que permite ao internauta navegar pela história, podendo escolher qual

direção tomar. Outros trabalhos mostram uma narrativa com algumas animações, como o balão de fala que surge e desaparece, ícones piscantes representativos de emoções, animações de cores. Pequenos efeitos somente possíveis graças às ferramentas existentes na internet. Ainda de acordo com o autor, *Os Dois Mundos de Dante 4*, trabalho realizado pelo quadrinista Carlos Takemoto e dirigido ao público infantil, que apresenta sons, texto e animação é um marco das histórias em quadrinhos brasileiras na *web*.

Mesmo hoje, quando a inserção das histórias em quadrinhos na internet é mais comum, as divergências ainda são frequentes. Existem aqueles que são contrários ao uso de recursos hipermídia, ou seja, as ferramentas de som e movimento, à hibridização da narrativa. São da opinião que tais recursos “desvirtuam” (FRANCO, 2011) as histórias em quadrinhos, que devem permanecer impressas. De outro lado, há os que aprovam a nova linguagem e a consideram superior à narrativa dos quadrinhos impressos.

Seja como for, apesar de toda a polêmica gerada, a cada dia cresce ainda mais o número de sites que veiculam histórias em quadrinhos assim como os *softwares* especializados. Pelo que se pode deduzir do que temos vivenciado no presente, o futuro reserva boas surpresas para as histórias em quadrinhos, sejam impressas ou na *web*. É importante ressaltar que os quadrinhos veiculados na internet não irão acabar com as histórias em quadrinhos impressas. Da mesma forma que a TV não acabou com o rádio. Da mesma forma que a TV não acabou com o cinema. Da mesma forma que os DVDs não acabaram com o cinema, a internet não acabará com nenhum outro veículo midiático. Os quadrinhos na *web* é tão somente mais uma forma diferenciada de comunicação.

3 METODOLOGIA

Antes de descrever os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, é importante ressaltar o conceito de metodologia. Segundo Martini (2018), metodologia é o estudo do método, ou seja, mostra os procedimentos metodológicos utilizados em um trabalho de pesquisa.

Para Bonin (2008), a metodologia como sendo o estudo do método, cabe a ela mostrar os diversos caminhos que serão utilizados para a realização de dada pesquisa “[...] dimensão que norteia, orienta e encaminha os processos de construção da pesquisa em todos os seus níveis”. (BONIN, 2008, p.121).

Sendo assim, a fim de alcançar os objetivos propostos no início deste estudo, a metodologia escolhida para a coleta de dados num primeiro momento foi revisão de literatura através de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Num segundo momento, a metodologia escolhida foi a realização de entrevista com o autor da obra *Alvorada em quadrinhos*, objeto de análise desse estudo.

A pesquisa bibliográfica refere-se à busca em livros e revistas acadêmicas ou também pode designar uma pesquisa baseada exclusivamente na leitura de textos. (MARTINO, 2018, p. 78).

Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento de publicações como livros, artigos científicos, páginas de web e sites. Esse procedimento metodológico foi feito com as orientações de leituras dadas pelo orientador e com fichamento bibliográfico.

Já a pesquisa documental segundo Fachin (2005), trata da coleta de quaisquer informações coletadas via oral, escrita ou visualizada. As fontes sem análise e tratamento científico são as mais diversas, podendo ser jornais, revistas, relatórios, cartas, fotografias etc. (FONSECA, 2002). Estas informações complementam a pesquisa bibliográfica inicial.

Para a análise do livro *Alvorada em quadrinhos*, de Pablo Aguiar, além de pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental optou-se também pela realização de entrevista com o autor da referida obra. A entrevista foi realizada no dia 24 de setembro deste ano por videochamada com duração de 38 minutos. Devido à pandemia de Covid-19, não foi possível realizá-la presencialmente.

Martino (2018) define a entrevista como pesquisa de campo, geralmente utilizada quando o objetivo da pesquisa são opiniões, vivências ou experiências de pessoas a respeito de um tema ou situação. Pode ser usada tanto na pesquisa qualitativa como também na pesquisa quantitativa.

Para Fontana e Frey (1994, apud DUARTE; BARROS, 2005), a entrevista é um dos meios mais poderosos na obtenção de dados para a compreensão do assunto que se quer analisar. Pode se apresentar de várias formas como se observa no quadro abaixo:

Quadro 1 – Modelo de tipologia em entrevista

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturadas	Aberta	Questão central	Em profundidade	Indeterminadas
	Semi-estruturadas	Semi-aberta	Roteiro		
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

Fonte: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação (2005, p. 65).

De acordo com os parâmetros do quadro acima e a natureza da pesquisa usada nesse trabalho – pesquisa qualitativa –, a entrevista com o autor de *Alvorada em quadrinhos* foi semiaberta por meio de um questionário/roteiro constituído de perguntas previamente semiestruturadas.

Essa escolha foi considerada a melhor opção para a coleta de dados porque atende melhor ao interesse desse estudo. Permite ao entrevistado responder as questões com maior liberdade, oferecendo assim maior profundidade e abrangência em suas respostas. Além disso, o questionário, que serviu de base e orientação para o roteiro, contribuiu para uma maior flexibilidade nas questões que orientaram a conduzir a entrevista e isso, conseqüentemente, facilitou a análise de conteúdo feita após todos os dados terem sido coletados.

Segundo Silva e Fossá (2015), esta é uma técnica de análise das comunicações, cuja função é verificar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador, a fim de buscar seu sentido, suas ideias principais.

Gonçalves (2016) refere-se à análise de conteúdo como sendo uma técnica que se ocupa basicamente com a análise de mensagens, podendo ser utilizada tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa.

Após o levantamento e seleção dos dados que respondiam aos objetivos desse trabalho teve início a análise de conteúdo sempre embasada no referencial teórico. A partir do conceito, da narrativa e das características pertencentes ao jornalismo em quadrinhos juntamente com a entrevista foi feita a análise da obra *Alvorada em quadrinhos*, cuja conclusão se mostrou perfeitamente alinhada com o objetivo geral desse trabalho, como poderá ser vista no próximo capítulo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 PONTOS A CONSIDERAR

Antes de dar início à análise da obra *Alvorada em quadrinhos*, livro do gaúcho Pablo Aguiar, restam ainda algumas considerações a serem feitas. Como foi observado no decorrer da pesquisa bibliográfica, não existe consenso do que venha a ser jornalismo em quadrinhos. Toda essa disparidade entre autores e pesquisadores do tema ocorre devido às divergências relacionadas ao seu surgimento.

Na verdade, tudo se resume a antes e depois de Joe Sacco. Foi ele quem criou a expressão jornalismo em quadrinhos com a qual denominou seu trabalho. Sendo assim, Silva e Baldo (2003), Viveiros e Gallas (2009), Negri (2011), Medeiros e Gomes (2013) e Sversuti (2018) consideram a denominação como a marca que deu início ao jornalismo em quadrinhos. Então o mesmo incorpora necessariamente reportagens de cunho investigativo de temas fortes voltados para causas político-sociais,

Para Dutra (2003), Oliveira e Passos (2006), Oliveira (2015), Silva (2017), Wunder e Perez (2017), Santana e Bari (2020) e Paim (2011) que discordam desse posicionamento e veem o início do jornalismo em quadrinhos muito antes de Joe Sacco. Logo, esse modo de fazer jornalismo abraça também outros temas que retratam o comportamento e os costumes de uma dada sociedade, como temas culturais, esportivos ou perfis biográficos, como já foi visto no decorrer deste trabalho, não necessariamente vinculados a conflitos e denúncias de causas sociais

Sversuti, (2018), postula que a inserção das histórias em quadrinhos dentro do jornalismo, adotou na contemporaneidade um formato para retratar as reportagens que são classificadas como um modo de se fazer jornalismo em quadrinhos. Subentende-se então que existem outros modos de se fazer jornalismo que não sejam reportagens.

É importante ressaltar e enfatizar que a diversidade faz parte do jornalismo e que esse abre inúmeras possibilidades. Assim sendo, qualquer manifestação jornalística pode encontrar aconchego nos quadrinhos.

Afinal, jornalismo em quadrinhos é o que exatamente? Dentro desses parâmetros, *Jornalismo em Quadrinhos e História em Quadrinhos*, o que as

diferencia? Onde começa um e termina o outro? Até que ponto é jornalismo e até que ponto é meramente quadrinhos? De tudo o que aqui foi exposto, em meio às incertezas e dúvidas, a única certeza que existe é que o jornalismo em quadrinhos nos apresenta a simbiose de duas narrativas, a factual jornalística e a lúdica quadrinística. Uma linguagem própria com a capacidade de aproximar mais o leitor pela facilidade, beleza e força da sua comunicação.

Nesse contexto, onde se enquadra *Alvorada em quadrinhos*? Quais as particularidades em sua comunicação que a aproximam e a distanciam do jornalismo em quadrinhos? As respostas a essas questões serão abordadas e analisadas.

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Localizado na região metropolitana de Porto Alegre, o município de Alvorada conta com uma população estimada em 200 mil habitantes (o censo de 2019 apurou 196 mil). O nome que surgiu em razão do povo acordar muito cedo (nas primeiras horas da manhã) para ir trabalhar em cidades vizinhas já é indicativo de pouca ou quase nenhuma oferta de trabalho na cidade. Em meio à baixa oferta de emprego e um dos maiores índices de violência do Estado, o município apresenta baixos índices de desenvolvimento humano. Diante desse cenário, *Alvorada em quadrinhos*, livro de Pablo (Pablito) Diego dos Santos de Aguiar, busca resgatar a esperança para seus moradores.

O autor nasceu em Alvorada, onde reside até os dias de hoje. Ainda criança pequena, com cinco anos, já gostava de desenhar e exibia seu gosto pelos quadrinhos. Com o passar do tempo, Pablo começou a ligar quadrinhos para contar histórias. Era o talento desabrochando. Vocação que o levou a graduar-se na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS no curso de Design (2011/12) e em no curso de Comunicação Digital (2012-17). Como precisava fazer o trajeto até a faculdade por transporte público via *Trensurb* e ônibus, aproveitava o tempo da viagem para desenhar os passageiros. Atividade que o levou a seu primeiro trabalho: *Recortes no metrô*.

Através de um intercâmbio estudantil, cursou Bellas Artes na Universidade del Pais Vasco, na Espanha, no período de 2014 a 2015. Participou de várias feiras e exposições nacionais e internacionais. Em 2018, foi agraciado com o primeiro lugar no 25º Salão Internacional de Desenho para Imprensa, na categoria quadrinhos,

com a história da recicladora Rita de Cássia. História essa que faz parte do livro *Alvorada em quadrinhos*, obra desse estudo. No ano seguinte, 2019, obteve o 2º lugar no Concurso Sulamericano *Histórias de vida que sobrevivem la violência y persecución em el campo em Sudamerica*, também na categoria quadrinhos.

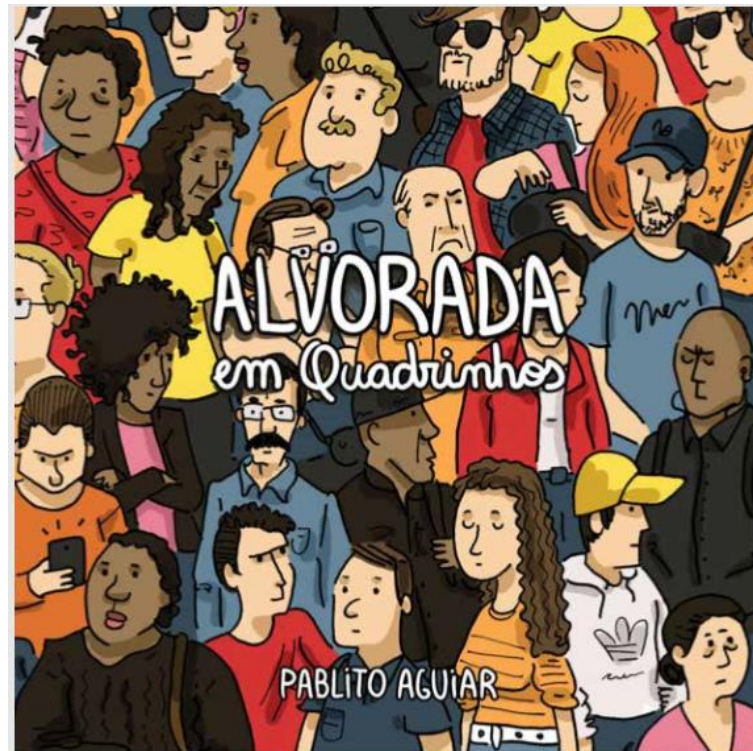
Alvorada em quadrinhos, livro de 112 páginas, conta a história de 23 moradores no formato dos quadrinhos, tendo iniciado em 2016 no jornal local *A Semana*, com a publicação de uma história a cada 15 dias. No ano seguinte, 2017, tornou-se livro, que foi adquirido pela prefeitura municipal para ser distribuído nas escolas com o objetivo de fazer as crianças conhecerem a cidade.

Ao apresentar sua obra, Pablo ressalta a mudança que sofreu na sua maneira de ver a cidade através dos relatos dos moradores. Do olhar preconceituoso e negativo passou para o olhar de esperança. Transformação essa que também atinge os leitores do livro ao conhecerem o trabalho feito com alegria, carinho e persistência de quem conquistou seu espaço na cidade. Nas palavras do autor, “o livro *Alvorada em quadrinhos* pretende, através da vida dos alvoradenses, preservar e valorizar um pedaço dessa memória da nossa cidade e dos moradores que nela vivem”.

4.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA HQ

Alvorada em quadrinhos vem com capa e contracapa coloridas com desenhos que não se repetem, mostrando uma multidão de moradores em sua diversidade. Seguem quatro páginas com desenhos da cidade vista de cima em preto, branco e cinza e duas páginas onde o autor desenhou ruas e moradores em seu dia a dia. A contracapa é semelhante à capa, colorida com uma multidão com novos rostos e caracterização. Novamente, desenhos da cidade, agora não mais vista de cima, mas em novos ângulos, em preto, branco e cinza. Todos os desenhos internos e os quadrinhos são também em preto, branco e cinza.

Figura 1 – Capa *Alvorada em quadrinhos*



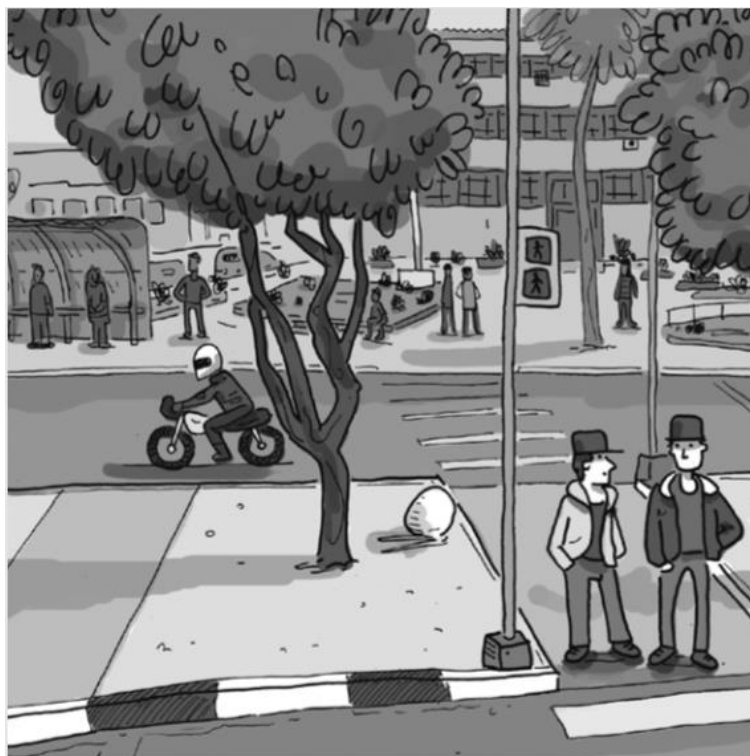
Fonte: Aguiar (2017).

Figura 2 – Visão de cima da cidade



Fonte: Aguiar (2017, p. 2).

Figura 3 – Visão das ruas da cidade



Fonte: Aguiar (2017, p. 6).

As cores neutras intensificam a nostalgia das lembranças dos moradores. É como se a cidade se vestisse de cinza. Uma cidade que não soube evoluir, que desmoronou com o passar do tempo. Percebe-se também essa subjetividade nas fisionomias dos moradores quando contam suas histórias, principalmente quando o autor desenha os rostos em *close*. O leitor sente que o bom e o belo ficaram para trás. Ficaram nas lembranças agora revividas.

Figura 4 – Expressão de angústia



Fonte: Aguiar (2017, p. 45).

Figura 5 – Expressão de tristeza



Fonte: Aguiar (2017, p. 49).

Figura 6 – Expressão de esperança,
sonho



Fonte: Aguiar (2017, p. 53).

Figura 7 – Expressão de orgulho, alegria



Fonte: Aguiar (2017, p. 57).

Figura 8 – Expressão de serenidade



Fonte: Aguiar (2017, p. 69).

Na apresentação do livro, Pablo desenha a si próprio entrevistando um morador, mostrando que é parte integrante da obra, como narrador e personagem. Usa um balão de fala com a pergunta: há quanto tempo você mora em Alvorada? Pergunta, essa, que, com pequena variação, se torna a base de todas as 23 entrevistas. Uma pergunta aberta que permite ao entrevistado total liberdade para contar sua história sabendo que conta com a atenção e empatia do repórter.

Figura 9 – Autorretrato



Fonte: Aguiar (2017, p. 10).

O sumário é constituído pelos desenhos dos moradores que serão entrevistados, devidamente caracterizados em sua individualidade, com brevíssima apresentação. O autor se preocupou em fazer uso de estereótipos – uniformes e objetos – o que, além de chamar mais a atenção do leitor também torna mais convidativa a leitura. Aumenta a curiosidade acerca das personagens.

Figura 10 – Sumário

Sumário



Fonte: Aguiar (2017, p. 14).

Cada história ocupa quatro páginas. As duas primeiras com a apresentação do morador que será entrevistado, sua foto e demais fotos com legendas. As outras duas páginas contêm a narrativa em quadrinhos.

Nas entrevistas, o autor abre com a foto do entrevistado juntamente com um quadrinho no canto superior direito da página com o desenho do autor entrevistando o morador e uma legenda que especifica o início da entrevista. Ao lado da foto, segue o resumo do que será visto. Abaixo da foto, o autor coloca a data em que foi concedida a entrevista, o que denota o traço jornalístico. Segue com demais fotos do trabalho do entrevistado, antes dos quadrinhos. Por documentar um fato, o uso de fotos atesta sua veracidade tornando real e vívida a história e os personagens.

Figura 11 – Entrevista



Fonte: Aguiar (2017, p. 18).

Os quadrinhos em preto, branco e cinza contam a história de cada morador. O início se dá com a chegada do autor na casa ou no escritório do morador que vai ser entrevistado e a pergunta base do “quando ou como o morador se tornou isso ou aquilo”. A partir daí todos os demais quadrinhos narram a história contada pelo morador. O último quadrinho termina sempre com uma frase inspiradora, o que denota além do relato humanizado, a intenção do autor em passar a esperança do

morador em ver sua cidade melhor, e com a legenda “fim”. Vê-se aqui mais uma vez que o autor se insere na narrativa, não sendo apenas o repórter que entrevista, mas também o narrador personagem.

Figura 12 – Início da entrevista/chegada na casa do morador



Fonte: Aguiar (2017, p. 24).

Figura 13 – Narrador



Fonte: Aguiar (2017, p. 25).

Figura 14 – Final da entrevista



Fonte: Aguiar (2017, p. 33).

Ao longo das 23 histórias percebe-se o cuidado e a preocupação do autor com a humanização do relato e a precisão dos detalhes nos cenários. O mesmo cuidado se observa nas imagens (fotos) escolhidas para dar apoio à história tornando a narrativa o mais fiel possível ao fato.

Figura 15 – Detalhe pássaros



Fonte: Aguiar (2017, p. 93).

Figura 16 – Detalhe resgate dos cachorros



Fonte: Aguiar (2017, p. 97).

Figura 17 – Detalhe passagem do tempo



Fonte: Aguiar (2017, p. 24).

Figura 18 – Detalhe cadeiras vazias



Fonte: Aguiar (2017, p. 33).

Figura 19 – Indiferença



Fonte: Aguiar (2017, p. 49).

Figura 20 – Descaso com o ambiente



Fonte: Aguiar (2017, p. 53).

O uso de depoimentos, personagens reais, a precisão dos dados, fidelidade aos acontecimentos, subjetividade, conferir veracidade à narrativa, retratar uma sociedade e resgatar sua memória e gerar emoções no leitor são características da narrativa jornalística. Desenhos com personagens, cenários e diálogos que atraem a atenção e que transmitem emoção ao leitor são características da narrativa em quadrinhos. Alvorada em quadrinhos apresenta as duas narrativas e de sua união surge uma linguagem própria que atrai, desperta e fixa a atenção de quem lê. Uma linguagem que consegue passar as informações com tamanha riqueza de detalhes que chega até o leitor como uma só narrativa. Ao mesmo tempo em que uma narrativa conta a história a outra mostra essa mesma história, ou seja, uma narrativa texto-imagem. Uma linguagem própria, característica maior do jornalismo em quadrinhos, com sua humanização do relato, a inserção do autor – personagem e a beleza dos quadrinhos, onde se insere a obra *Alvorada em quadrinhos*.

4.4 CONVERSA COM O AUTOR

Na entrevista realizada com Pablo Aguiar, autor de *Alvorada em quadrinhos*, disponível no Apêndice A, fica nítida a preocupação em despertar no leitor a afetividade pelo município, sempre encarado com preconceito e uma certa vergonha. *Alvorada em quadrinhos* veio para romper com esse negativismo.

“Alvorada é uma cidade que tem a autoestima muito baixa, tu fazer um trabalho, sobre a cidade, com afeto, é uma coisa legal para a cidade, quem mora aqui se sente valorizado e a gente tem carência disso.” (AGUIAR, Autor de *Alvorada em quadrinhos*).

As 23 histórias de vida dos moradores de Alvorada são diversificadas. Mostram relatos de dor, superação, preconceito, humanidade, amor, denúncia,

solidariedade, perseverança, otimismo, orgulho, criatividade, voluntariado e esperança. Usou como referência o quadrinista Liniers do jornal La Nación cujo trabalho consiste em relatar em quadrinhos as entrevistas que realiza com personalidades. E em todas as entrevistas, o autor se faz presente nos quadrinhos, se insere na narrativa com seu autorretrato, transmitindo ao leitor uma maior proximidade com a narrativa, quase como uma conversa com o entrevistado.

“Eu acompanhava Joe Sacco, o próprio Liniers, que foi quase minha única referência e ele também se inseria na narrativa, ele se desenha como um coelho e aí fiz parecido por achar que ia me ajudar na história e na narrativa. Minha intenção era fazer com que o leitor se sinta conversando com a pessoa que estou entrevistando, como se fosse uma conversa com leitor. Não quero que o leitor seja um espectador, que ele veja eu conversando com o entrevistado, sim que ele se sinta conversando. Foi isso que eu pensei.” (AGUIAR, Autor de Alvorada em quadrinhos).

Todos os relatos são acompanhados de fotos, o que confere maior veracidade à narrativa. Com esse registro fotográfico, o autor mostrou o testemunho factual, a fidelidade junto ao fato narrado, característica básica do jornalismo.

“Eu quis trazer esse registro fotográfico ao livro. No Alvorada em Quadrinhos eu trago algumas fotos de arquivo, umas fotos antigas que não têm em muitos livros aqui da cidade. Eu acho que sim, que trazer a foto do personagem enriquece a leitura, pois daí o leitor pensa: poxa, essa pessoa existe mesmo, olha aqui a foto dela. Penso que aproxima um pouco mais o leitor.” (AGUIAR, Autor de Alvorada em quadrinhos).

Muitos dos trabalhos do autor são publicados em redes sociais, como no Instagram, e o autor revela que o processo de criação dos desenhos e da narrativa não difere muito do processo de produção de um livro.

“O processo de narrativa é o mesmo que se eu fosse produzir para um livro, só preciso me preocupar quanto ao formato, pois para o Instagram é um formato quadrado e saber que vou ter que contar a história em 10 páginas, que o que o carrossel do Instagram permite.”

Questionado sobre os desafios, as vantagens e desvantagens de se fazer jornalismo em quadrinhos no Brasil, o autor se mostra um apaixonado.

“Eu vejo que tem muita aceitação, não tem nenhuma barreira para chegar até o leitor. O desafio é que para fazer algo interessante tu precisa se

doar, sair da tua casa, se doar, viajar, um desafio pessoal, tu precisa estar disposto a ir atrás das histórias, esse é o maior desafio. No meu trabalho sempre tive um retorno muito bacana. É muito massa, quando eu descobri o que era Jornalismo eu me apaixonei, é uma profissão onde tu pode conhecer outras pessoas, através do trabalho tu pode entrar na casa de outras pessoas, ouvir elas e viver novas experiências, acho isso muito mágico. O Jornalismo em Quadrinhos é legal, pois eu escuto a pessoa, depois eu tenho a experiência de emergir de novo na história, como se fosse uma segunda viagem, eu preciso escutar de novo, olhar com cuidado o ambiente, o rosto da pessoa, é como se fosse uma segunda viagem esse momento de produção. Acho isso muito rico como uma experiência de vida, essa é a maior vantagem que eu vejo na profissão.” (AGUIAR, Autor de Alvorada em quadrinhos).

Pablo acredita no futuro do jornalismo em quadrinhos e sua permanência como nova forma de comunicação. E destaca as muitas possibilidades de se fazer esse novo gênero de jornalismo.

“Acho que veio para ficar e nossa, tem muito a crescer ainda. “Existem muitos gêneros a serem explorados dentro do Jornalismo em Quadrinhos, eu faço mais perfis, eu escuto pessoas e conto as histórias delas. Tu pode explorar reportagem investigativa, tu pode explorar várias outras facetas do jornalismo que ainda não foram exploradas dentro do Jornalismo em Quadrinhos.” (AGUIAR, Autor de Alvorada em quadrinhos).

Publicada originalmente num semanário para depois tornar-se livro, *Alvorada em quadrinhos* foi construída sobre dois alicerces: memória e autoestima. Pablo deixa bem claro no bate papo que as entrevistas com os 23 moradores de Alvorada – a escolha baseou-se na diversidade de seus trabalhos e suas vidas – foram realizadas com o objetivo de preservar a memória da cidade e resgatar a autoestima desses moradores.

Ao fazer uso da narrativa jornalística e da narrativa dos quadrinhos, unindo palavras e imagens (quadrinhos e fotos), Pablo transmuta a linguagem das entrevistas em uma narrativa única, rica, num novo olhar sobre a cidade. Um olhar nostálgico sobre o que foi bom e já não é. Mas sobretudo, um novo olhar de esperança. Em *Alvorada em quadrinhos* o leitor deixa de ser espectador para se tornar participante ativo das histórias como se estivesse também conversando com o entrevistado. Seu desejo é que o leitor mergulhe no quadrinho e “vivencie os sentimentos” do morador. Como o autor disse sentir a felicidade do morador ao ver sua história de vida publicada.

O autor conta que também publica seu trabalho na internet. Mais precisamente na plataforma Instagram. A construção da sua narrativa é mais limitada pelo formato exigido pela plataforma (“quadrado”) e pelo número de páginas (10) exigido para contar a história. Apesar disso, Pablo afirma que o processo de criação é o mesmo que no impresso. Ele não explora os recursos digitais como som e movimento, faz uso apenas de cores em seus quadrinhos. No entanto, mesmo sem os recursos de multimídia, é sabido que o universo digital proporciona uma excelente vitrine atingindo um número maior de leitores bem como maior interatividade com os usuários.

Um fato nessa conversa chama a atenção. As informações passadas através dos relatos colhidos nas entrevistas com os moradores não foram apuradas. O autor não considerou a checagem, pois não duvidou dos relatos dos moradores por estar, segundo ele, totalmente atento aos mesmos. À primeira vista, pode parecer destoar do jornalismo, mas esse posicionamento não tirou a veracidade e credibilidade dos relatos. Segundo Scheibe (2011, p. 5), é "o relato e a descrição da própria pessoa que a vive e escreve", são “histórias absolutamente pessoais e verídicas.”

Acreditando e apostando no futuro do jornalismo em quadrinhos, Pablo ressalta a pouca incursão do jornalismo em quadrinhos em outras “facetas” (termo usado pelo autor na entrevista) do jornalismo diante de um campo imenso esperando para ser explorado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer a arte sequencial para o âmbito do jornalismo, o próprio jornalismo passa a ser capaz de “fazer a experiência da alteridade: ser outro por algum tempo para ver mais a si mesmo. (MINOIS, 2003, p. 32 apud MITTELMAN, 2014).

Jornalismo em quadrinhos e história em quadrinhos. O que os diferencia? Onde começa um e termina o outro? Como reconhecer o jornalismo em quadrinhos? Assim iniciamos a introdução deste estudo com a proposta de responder essas questões. Chegamos ao final com respostas parciais. Parciais porque não há consenso sobre as características dessa nova forma de fazer jornalismo. O tema não se esgota aqui neste trabalho. O caminho é longo e está aberto para discussões. Os debates assim como novos estudos se fazem necessários.

Se constatou realizando este estudo é que o jornalismo em quadrinhos veio preencher uma lacuna existente na comunicação, hoje tão cansativa e estressante devido à enxurrada agressiva da mídia em todas as suas esferas. Trouxe uma narrativa mais atraente e interessante que cativa e prende a atenção do leitor, que fica mais atento à história que está sendo contada.

A linguagem visual dos quadrinhos tem um potencial ilimitado para contar histórias. Sua linguagem é mais fácil de ser compreendida. Nascermos com a visão e com ela aprendemos e apreendemos o mundo. O ser humano é um ser visual. A compreensão das imagens chega antes que a compreensão das palavras. Por isso, se fica mais atento à linguagem dos quadrinhos.

O jornalismo em quadrinhos une os gêneros informativo e literário e cria uma linguagem própria. Para Silva (2012) é um processo com credibilidade jornalística suficiente para ser considerado um novo fazer narrativo ativo na construção e entendimento tanto do nosso presente quanto da nossa história social. E isto vemos acontecer na obra *Alvorada em quadrinhos*. Enquanto a leveza dos desenhos mostra os diversos cenários da cidade e as emoções nos rostos dos moradores, as palavras contam a realidade vivida em cada história. Uma linguagem complementando a outra numa narrativa leve e envolvente.

Ao fazer uso da narrativa jornalística e da narrativa dos quadrinhos, ao unir palavras e imagens (quadrinhos e fotos), Pablo transmuta a linguagem das entrevistas em uma narrativa única, rica, num novo olhar sobre a cidade. Um olhar

nostálgico sobre o que foi bom e já não é. Mas sobretudo, um novo olhar de esperança.

Com um grande potencial, o jornalismo em quadrinhos não pode e nem deve se limitar a temas específicos. Ao contrário, deve explorar novos campos de atuação, como o fez *Alvorada em quadrinhos* ao contar a história de uma cidade através das histórias de vida de seus moradores.

Desfecha-se o estudo com a certeza de que Pablo Aguiar atingiu seus objetivos, pois dos fragmentos cinzas colhidos nas entrevistas com os 23 moradores de Alvorada, ele fez surgir um belo e orgulhoso mosaico onde a personagem principal é a cidade.

Cabe ainda ressaltar que, de toda a discussão sobre o tema, uma certeza fica: o jornalismo em quadrinhos não é apenas mais uma tendência temporária. Esse novo fazer jornalístico veio para se firmar já tendo iniciado sua caminhada com novos autores, com mais obras publicadas na mídia impressa e digital, consolidando uma comunicação mais atraente e precisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pablo Diego dos Santos de. **Alvorada em quadrinhos**. SC: Alvorada, 2017. Disponível em: <https://www.pablitoaguilar.com.br/inicio/publicacoes/alvorada-em-quadrinhos/>. Acesso em: 09/10/2021.

BELMIRO, Celia Abicalil. Narrativa literária: suporte para a infância, texto para a juventude. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 3, p. 843-868, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n3p843/24383>. Acesso em: 12/03/2021.

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, PUCRS, n. 37, p. 121-127, dez. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809/3613>. Acesso em: 04/11/2021.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. Quadrinhos e jornal: uma correspondência biunívoca. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 1., 2003. [S.l.]. **Anais eletrônicos [...]**. [S.l.]: Mídia brasileira 2 séculos de história. Gt3 – História da mídia visual. 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/19934779/Quadrinhos_e_jornal_uma_correspond%C3%Aancia_biun%C3%ADvoca. Acesso em: 17/04/2021.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura uma introdução**. Traduzido por Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Disponível em: <https://interartesufgd.files.wordpress.com/2016/05/eagleton-teoria-da-literatura.pdf>. Acesso em: 13/04/2021.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Devir, 2005.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/attach/74302802/FACHIN-Odilia-fundamentos-de-Metodologia.pdf>. Acesso em: 06/11/2021.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oB5x2SChpSEC&oi=fnd&pg=PA6&dq=FONSECA,+J.J.S+uec.+Metodologia+da+pesquisa+cient%C3%ADfica&ots=ORRZ->

q9jk2&sig=XNPrAWoTgPxAPtYyz259Elh-SCE#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 08/11/2021.

FRANCO, Edgar Silveira. **Hqtrônicas**: do suporte papel à rede internet. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=W7QRRZuTRDQC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20/05/2021.

GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em Quadrinhos**: território de linguagens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009. Curitiba. **Anais eletrônicos [...]**. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0894-1.pdf>. Acesso em: 03/10/2020.

GOMES, Iuri Barbosa; MEDEIROS, Eduardo Luis Mathias. **Jornalismo em Quadrinhos na Revista Fórum**: Nova Prática Jornalística no Brasil. 2013. 15. p, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/jornalismo-em-quadrinhos-na-revista-forum-nova-pratica-jornalistica-no-brasil>. Acesso em: 15/04/2021.

GONÇALVES, Anderson Tiago Peixoto. Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 275-300, 31 ago. 2016. Disponível em: https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/323/pdf_. Acesso em: 03/11/2021.

GOULART, Rosa Maria. O conto: da literatura à teoria literária. **Forma Breve**, v. 1, p. 7-13, 1 jan. 2003. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/7899/5629>. Acesso em: 02/05/2021.

GRANDO, Carolina Pompeo. Em busca da narrativa jornalística. 584. ed. 6 abr. 2010. In: **Observatório da Imprensa**, [s.l.], v. 21, n. 1162, 8 nov. 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/em-busca-da-narrativa-jornalistica/>. Acesso em: 14/11/2020.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, FURG, v. 6, n. 11, jul. 2014.

GUIMARÃES, Rafael Baldo; SILVA, Fabiano Messias. **Jornalismo em Quadrinhos**: uma análise do uso da nona arte como suporte para narrativa jornalística. 2003. 151 p. Monografia - Universidade de Brasília. Brasília. 2003. Disponível em:

<http://www.guiadosquadrinhos.com/monografia/jornalismo-em-quadrinhos-uma-analise-do-uso-da-nona-arte-como-suporte-para-narrativa-jornalistica-2003/47>. Acesso em: 12/03/2021.

LIMA, Marcelo Soares de. A corporação e as possibilidades dos quadrinhos brasileiros nos novos meios digitais de informação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 34., 2011. Recife. **Anais eletrônicos [...]**. Recife: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1814-1.pdf>. Acesso em: 05/05/2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Porto Alegre, Vozes, 2018. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/M%C3%A9todos_de_pesquisa_em_comunica%C3%A7%C3%A3o/q1VxDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover. Acesso em: 03/11/2021.

MARTONI, Bernard. **As lacunas alegóricas na HQ Maus**. In: Jornadas internacionais de histórias em quadrinhos, 4., 2017. São Paulo. Anais eletrônicos [...]. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_literatura/bernardo_martoni.pdf. Acesso em: 13/04/2021.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: MBooks, 2008.

MEDEIROS, Eduardo Luis Mathias; GOMES, Iuri Barbosa. Jornalismo em quadrinhos como novo gênero jornalístico: um estudo do JHQ na revista Fórum. *In: Revista digital Ave Palavra*, Linguagens e discursos da mídia. Alto Araguaia, 2012. Disponível em: <https://revista.unemat.br/avepalavra/EDICOES/Esp1112/artigos/medeirosgomes.pdf>. Acesso em: 21/04/2021.

MITTELMAN, Felipe Couto. Jornalismo em quadrinhos: biografias e fatos em narrativas gráficas. 2014. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4323/1/FMittelman.pdf>. Acesso em: 22/03/2021.

MOTTA, Luíz Gonzaga. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. Brasília, 2005, Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 03/10/2020

NEGRI, Ana Camilla. Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 26, 2003, Belo Horizonte. Anais eletrônicos [...]. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível: <https://docplayer.com.br/50423261-Um-novo-genero-jornalístico-a-reportagem-em-quadrinhos-de-joe-sacco-ana-camilla-negri.html>. Acesso em: 22/04/2021.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva; PASSOS, Mateus Yuri. **Joe Sacco**: Jornalismo Literário em quadrinhos. *In: Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*. 6. 2006. [S.l.]. Anais eletrônicos [...]. Campinas: PUC – Campinas, UNIVÁS: Unicamp, ABL. 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1126-2.pdf>. Acesso em: 08/09/2020.

OLIVEIRA, Ariel Lara. **O Jornalismo em Quadrinhos na Internet**: as reportagens gráfico-sequenciais do site Cartoon Movement. 2015. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. p. 166 Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117263/000967745.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03/05/2021.

PAIM, Augusto Machado. Jornalismo em quadrinhos: os filhos de Joe Sacco. **Revista da Cultura**, [S.l.]. 44. ed, mar. 2011. Disponível em: <http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc44/index2.asp?page=materia1>. Acesso em: 10/09/2020.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e as narrativas de conflito: desafios, atravessamentos e processos. [Entrevista cedida a] Ana Lúcia Medeiros. *Revista latino-americana de Jornalismo – Âncora*, João Pessoa, v. 5. n. 1. P. 111 - 129 jan/jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/42047/20966>. Acesso em: 21/04/2021.

SANTANA, Glêyse Santos; BARI, Valéria Aparecida. O pioneirismo do jornalismo em quadrinhos no Brasil: reconstituição do “crime da mala” por Horácio Hora. *Revista Cajueiro*, Aracaju, v. 2, n. 2, p. 95 - 120. maio/nov. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/index.php/Cajueiro/article/view/14731>. Acesso em: 22/04/2021.

SCHEIBE, Roberta. “Sub-literatura prejudicial”: as histórias em quadrinhos e a sua proximidade com o jornalismo. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 10. 2011. Boa Vista. Anais eletrônicos [...]. Amapá: Universidade

Federal do Amapá, 2011. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0003-1.pdf>.
Acesso em: 17/04/2021.

SILVA, Andressa Henning; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica*, [S.l.], v. 17, n. 1, 2015. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/355929812/Analise-de-Conteudo-Exemplo-de-Aplicacao-Da>. Acesso em: 29/03/2021.

SILVA, Mauricio Xavier. A construção da reportagem jornalística em quadrinhos. *In: Jornada Internacional de Histórias em Quadrinhos*, 4., 2017. São Paulo. Anais eletrônicos [...]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em:
http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_l_generos/mauricio_xavier_silva.pdf. Acesso em: 07/04/2021.

SILVA, Vinicius Pedreira Barbosa. As Histórias em Quadrinhos como Gênero Jornalístico Híbrido: o Jornalismo em Quadrinhos. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 35. 2012. Fortaleza. Anais eletrônicos [...]. Brasília: Universidade de Brasília, 2012. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/r7-1834-1.pdf>. Acesso em: 03/04/2021.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**: a história de um sobrevivente. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. Disponível em:
<http://historiaequadrinhosnrelondrina.pbworks.com/w/file/attach/49665591/Maus%20Vol.II%20-%20A%20Hist%C3%B3ria%20de%20um%20Sobrevivente.pdf>. Acesso em: 27/03/2021.

SVERSUTI, Leilane Cristina. Jornalismo em quadrinhos: a história que conta a história. *In: Jornada Internacional de Histórias em Quadrinhos*, 5., 2018. São Paulo. Anais eletrônicos [...]. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017. Disponível em:
http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/q_historia/leilane_cristina.pdf. Acesso em: 19/03/2021.

VIVEIROS, Lucas Lins; GALLAS, Anna Kelma. Quadrinhos e Jornalismo: a importância do híbrido de Joe Sacco para a comunicação social. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, 11. 2009. Teresina. Anais eletrônicos [...]. Teresina: Faculdade de Santo Agostinho, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0598-1.pdf>. Acesso em: 09/04/2021.

WUNDER, Guilherme dos Santos; PEREZ, Marcelo Spalding. Jornalismo em quadrinhos. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul, 18. 2017. Caxias do Sul. Anais eletrônicos [...]. Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2017. Disponível em: <http://docplayer.com.br/52550986-Jornalismo-em-quadrinhos-1-guilherme-dos-santos-wunder-2-marcelo-spalding-perez-3-centro-universitario-ritter-dos-reis-uniritter-porto-alegre-rs.html>. Acesso em: 11/04/2021.

APÊNDICE A – ENTREVISTA

1. Como se deu a criação de “Alvorada em Quadrinhos” (Você se inseriu na narrativa por inspiração em outras obras?)

*“O livro Alvorada em Quadrinhos começou em 2015, quando eu trabalhava em um jornal aqui de Alvorada, o **Jornal a Semana**. Daí tive a ideia de contar em quadrinhos a história do povo alvoradense, inspirado muito na obra do **Liniers**, o argentino que fazia entrevista com artistas lá da Argentina para o jornal La Nacion, daí eu pensei: putz, que legal, tô no jornal, por que não faço algo parecido? Fiz essa proposta para os donos do jornal, eles aceitaram e aí de 15 em 15 dias eu comecei a entrevistar as pessoas. Eu não tinha uma experiência com entrevistas, nem com quadrinhos, eu não tinha experiência, fui aprendendo na prática. E assim eu fui, de entrevista em entrevista, fui melhorando. Se passou um ano, entrevistei 23 pessoas da cidade, sai do jornal, peguei esse material e transformei no livro **Alvorada em quadrinhos**. Imprimimos o livro, a primeira tiragem foi doada para as Escolas Municipais e a segunda tiragem é essa que tu tens aí, que eu vendo. Eu acompanhava Joe Sacco, o próprio Liniers, que foi quase minha única referência e ele também se inseria na narrativa, ele se desenha como um coelho e aí fiz parecido por achar que ia me ajudar na história e na narrativa. Mas hoje em dia eu já não me desenho, pois acredito não ser mais tão necessário. Eu me desenhava chegando, acho que ficou legal, pois como sou alvoradense, nesse livro eu apareço, mas agora já não me desenho mais. Minha intenção era fazer com que o leitor se sinta conversando com a pessoa que estou entrevistando, como se fosse uma conversa com leitor. Não quero que o leitor seja um espectador, que ele veja eu conversando com o entrevistado, sim que ele se sinta conversando. Foi isso que eu pensei.”*

2. A maior característica da Narrativa Jornalística é a fidelidade junto ao fato narrado. Você tornou reais seus personagens quando os colocou em fotos. Foi por esse motivo que você fez uso de fotos dos entrevistados antes da narrativa em quadrinhos? Documentar a realidade?

“Tem uma riqueza né, as fotos. Eu quis trazer esse registro fotográfico ao livro. No Alvorada em Quadrinhos eu trago algumas fotos de arquivo, umas fotos antigas que não têm em muitos livros aqui da cidade. Eu acho que sim, que trazer a foto do personagem enriquece a leitura, pois daí o leitor pensa: poxa, essa pessoa existe mesmo, olha aqui a foto dela. Penso que aproxima um pouco mais o leitor. “

- 3. Como foi o processo de escolha das fontes (Você levou alguma coisa em consideração? Como as fontes foram escolhidas? Foi feito algum contato com os entrevistados antes de ser feita a entrevista?)?**

“Minha ideia era que os temas não se repetissem, por exemplo, falei de futebol com o feio, agora não vou falar sobre futebol de novo, vou falar sobre um assunto bem diferente. E assim vou indo, para tentar que o livro tenha uma diversidade, sabe? Às vezes eu falava antes, mas não se tratava de uma pré-entrevista, só para marcar a conversa. Algumas pessoas que entrevistei foram por indicação, outras eu via na rua e me interessava, tipo o José e o Tito, um cara que está em situação de rua, eu vi ele passeando com o cachorrinho e tive vontade de conversar com ele, entrei em contato com o Cras, que é quem cuida dos moradores em situação de rua, eles me ajudaram e encontrar o José, a gente foi lá e conversou. Tem uma história da Bernadete também, uma casa bonita aqui da cidade, eu descobri a casa primeiro, eu tava andando pela cidade e pensei: nossa que casa incrível! Preciso contar a história desse lugar. Teve toda uma pesquisa, conversamos com os vizinhos até chegar à filha do construtor da casa, daí fomos atrás da história, foi muito legal. O vendedor de churros também, foi através dessa caminhada. O principal é isso, não quero que o tema se repita, essa é a única regra.”

- 4. Todas as entrevistas iniciam praticamente através da mesma pergunta – quando, como – que facilita respostas abrangentes e livres. (Uma oportunidade para o entrevistado contar sua história com total liberdade). Foi esse o motivo?**

“Legal essa tua pergunta porque eu não tinha refletido ainda sobre isso, eu fazia essa pergunta por se tratar de um livro da cidade e tinha essa função social de contar a história da cidade através da vida das pessoas, valorizando a vida das pessoas. Então de maneira natural essa foi a primeira pergunta em muitas das entrevistas. Mas em algumas não, por exemplo a da Rita eu perguntei: você sempre trabalhou com reciclagem? Já para o morador de rua perguntei: como você se chama? Mas a maioria é sobre a cidade pois essa era o meu interesse principal, eu queria conhecer mais sobre Alvorada.”

- 5. Você fez a apuração das informações passadas nas entrevistas? (Como ela foi feita?)**

“Com certeza eu acreditava nas fontes, era uma escuta. Algumas vezes foi feito o trabalho de checagem, por exemplo sobre a casa da Bernadete para entender quando que foi construída a casa, mas meu trabalho é quase que um documentário, sabe? Eu escuto a pessoa e transcrevo o quadrinho com as palavras dela, não tenho um trabalho tão grande de checagem, nunca vi essa necessidade. A pessoa está falando sobre a vida dela e não vi motivo para duvidar, sabe? Eu tava tão aberto em escutar e em tratar com carinho o que ela estava me falando que nem cheguei a duvidar das coisas que ouvia.”

6. Como é seu processo criativo? Você faz a entrevista e já parte para o desenho?

“Por exemplo o José e o Tito, eu conversava por uma hora mais ou menos e depois transcrevia, na época a mão mesmo, depois ia para o roteiro onde, algumas vezes, fazia algum apontamento com desenho para ter uma ideia de o que teria em cada um dos quadros. Depois disso eu ia para o desenho final. Conversa, em média uma hora, registros através de fotos e gravação de som, transcrição de áudio, roteirização, desenhos usando as fotos com referência e a arte finalização com nanquim e tons de cinza.”

7. Seu estilo de ilustração é influenciado em algum artista? Quem?

“Um mosaico de várias referências que fui conhecendo durante a vida, por exemplo eu gosto do cabelo que esse coloca, dos olhos que esse outro usa, assim tu vai montando teu estilo e dentro das tuas limitações sai o teu estilo de desenho. Acredito que eu tenha um estilo próprio, as pessoas reconhecem quando veem o meu desenho, mas ele tem várias influências, eu gosto muito do Bill Watterson, de Calvin e Haroldo, Liniers, todo dia tem um artista que me inspira a tentar melhorar o que eu faço.”

8. Apesar do crescimento de obras que mesclam jornalismo e quadrinhos, ainda hoje muitas pessoas enxergam os quadrinhos como uma fonte de diversão. Quais são os desafios de fazer Jornalismo em Quadrinhos no Brasil?

“Eu vejo que tem muita aceitação, não tem nenhuma barreira para chegar até o leitor. O desafio é que para fazer algo interessante tu precisa se doar, sair da tua casa, se doar, viajar, um desafio pessoal, tu precisa estar

disposto a ir atrás das histórias, esse é o maior desafio. No meu trabalho sempre tive um retorno muito bacana, o ruim é o fato de não ganhar muito dinheiro com o Jornalismo em Quadrinhos, mas eu tenho muita fé que esse é um mercado que ainda estamos abrindo e que no futuro será mais aceito dentro do mercado, mais portais vão buscar a gente para fazer quadrinhos.”

9. Complementando a pergunta anterior, quais são as vantagens em fazer Jornalismo em Quadrinhos em relação a outras formas de comunicação? E as desvantagens?

“É muito massa, quando eu descobri o que era Jornalismo eu me apaixonei, é uma profissão onde tu pode conhecer outras pessoas, através do trabalho tu pode entrar na casa de outras pessoas, ouvir elas e viver novas experiências, acho isso muito magico. O Jornalismo em Quadrinhos é legal pois eu escuto a pessoa, depois eu tenho a experiência de emergir de novo na história, como se fosse uma segunda viagem, eu preciso escutar de novo, olhar com cuidado o ambiente, o rosto da pessoa, é como se fosse uma segunda viagem esse momento de produção. Acho isso muito rico como uma experiência de vida, essa é a maior vantagem que eu vejo na profissão. Desvantagem eu diria a questão do dinheiro, mas a gente dá um jeito.”

10. Em meio à crise comercial do jornalismo tradicional de um lado e do avanço da comunicação via web de outro, como você vê o futuro do jornalismo em quadrinhos no mundo? (Tendência, modismo ou veio para ficar)

“Acho que veio para ficar e nossa, tem muito a crescer ainda. Existem muitos gêneros a serem explorados dentro do Jornalismo em Quadrinhos, eu faço mais perfis, eu escuto pessoas e conto as histórias delas. Tu pode explorar reportagem investigativa, tu pode explorar várias outras facetas do jornalismo que ainda não foram exploradas dentro do Jornalismo em Quadrinhos. Eu vejo com muito potencial, tem pessoas que eu admiro que estejam fazendo trabalhos no Brasil como a Gabriela Güllich, que passou um tempo no Rio São Francisco, conversou com algumas pessoas e contou a história dessas pessoas e como essas histórias se cruzavam com o Rio. Tem o Alexandre de Maio também que tem vários trabalho investigativos. Eu tenho vários planos, tô colocando fé que veio para ficar, quero trabalhar muito tempo com isso.”

11. Você publica muitos dos seus trabalhos no Instagram. Quando você está produzindo um quadrinho que irá para a WEB, você precisa pensar em algo a mais quanto à narrativa ou o processo é o mesmo?

“O processo de narrativa é o mesmo que se eu fosse produzir para um livro, só preciso me preocupar quanto ao formato, pois para o Instagram é um formato quadrado e saber que vou ter que contar a história em 10 páginas, que o que o carrossel do Instagram permite.”

12. Somente a capa e contracapa são coloridas. Todas as 23 histórias em quadrinhos e as fotos são em preto e branco. O que o levou à predominância do cinza?

“Foi para baratear mesmo, tanto a impressão quanto para quem for comprar, era o meu primeiro livro. Mas o próximo será colorido.”

13. Numa palestra você disse que Alvorada em quadrinhos mudou sua maneira de ver a cidade, de negativa passou a positiva. Era esse seu objetivo?

“Meu objetivo era conhecer a minha cidade e perder o preconceito que eu tinha, sabe, mas eu não ficava pensando que teria essa mudança em mim, sabia que alguma coisa ia acontecer, mas não sabia o que.”

14. Alvorada em quadrinhos traz denúncias como o descaso pelo parque, as assustadoras enchentes, a vida sofrida de um morador de rua e seu amigo cachorro, a luta diária de quem recicla o lixo e outras. Essas questões repercutiram da forma que você esperava? Como você vê o resultado dessa obra para a cidade?

“A primeira tiragem, de 500 exemplares, foi doada para as escolas, foi bem bacana ver os alunos trabalhando com o livro, trabalhando com essas histórias. Elas trabalhavam de diversas formas, algumas tinham que contar suas próprias histórias, entrevistar outros moradores ou seus avós, e registrar as histórias de quem estava perto deles. Outras atividades como fazer maquetes da Lagoa do Cocão, maquetes do morador de rua, colocavam um carrinho e um ursinho de pelúcia dentro.”

Foram reproduzidas de várias formas, através da instrução de professores, o que estava sendo trabalhado dentro do livro. Acho isso muito bacana, pois gera pertencimento, tu começa a olhar de outra forma e com mais profundidade o local que tu mora. Essa história da Rita, que é uma recicladora aqui da cidade foi premiada no Salão Internacional de Desenho para Imprensa, teve esse retorno para ela, como uma valorização pelo trabalho dela e da vida dela. Até hoje eu recebo feedbacks. Alvorada é uma cidade que tem a autoestima muito baixa, tu fazer um trabalho, sobre a cidade, com afeto, é uma coisa legal para a cidade, quem mora aqui se sente valorizado e a gente tem carência disso.”

15. Em 2018, a história da recicladora Rita de Cássia foi a vencedora do 25º Salão Internacional de Desenho para Imprensa, na categoria quadrinhos. História que faz parte do seu livro Alvorada em quadrinhos. Como você recebeu esse prêmio? O que ele acrescentou em seu trabalho, em sua vida?

“Foi o primeiro prêmio que eu recebi e fiquei muito surpreso, porque tinham muitos cartunistas que eu admiro muito, Santiago, Edgar Vasquez, que elogiaram meu trabalho, disseram que tinha um valor e que dava para sentir que foi feito com cuidado. Pra mim foi muito importante, um reconhecimento que dá forças para continuar, sabe. O quadrinho sobre o José e o Tito também teve uma menção honrosa, tive dois quadrinhos nesse Salão.”

16. Numa palestra, você falou rapidamente que está trabalhando num novo projeto, que seriam cartões postais de Alvorada, fale um pouco sobre esse projeto. (Qual a relação desse projeto com o jornalismo em quadrinhos e, se você tem algum novo projeto sobre jornalismo em quadrinhos?)

“O cartão postal não deu certo, faltou recursos. Agora fiz um mapa de Alvorada, que acho que tem um valor muito grande para a cidade. Quem quiser, é só ir pegar na biblioteca e as escolas receberão uma versão maior e de plástico para trabalhar com os alunos. O mapa conta a história da cidade e fala sobre todos os pontos turísticos de Alvorada. Eu tenho essa vontade de registrar as coisas, eu quero registrar, não quero que as coisas se percam. O que eu faço em Alvorada em Quadrinhos é isso, transformar a história oral das pessoas em texto e, assim registrar o que

essas pessoas falam. Talvez o mapa se aproxime do jornalismo nisso, pois tenho essa preocupação em registrar. No momento estou trabalhando em ilustrações da cidade de Alvorada, já tenho mais de 60, quando completar 100 vou publicar em um livro só com ilustrações. Saio na rua, vejo alguém que eu tenha vontade de desenhar, tiro uma foto e desenho em casa. Hoje em dia público algumas entrevistas também, mas com pessoas de Porto Alegre.”